

BIOGRAFIA

N. 4

DO

ACTOR BRASILEIRO

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA,

CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA E MEMBRO
DOS CONSERVATORIOS DRAMATICOS DO RIO
DE JANEIRO E PERNAMBUCO.



SAN'LUIZ:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4 A.
Impresso por B. de Mattos.

1862.



13. 548
1956.





O Artista Brasileiro

BERNARDO FRANCO DE OLIVEIRA
Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa.

Comitê de Honras de São Paulo

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.



Este artista, um dos mais aptos e talentosos da scena brasileira, nasceo, em 28 de Maio de 1820—na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e foi baptisado na antiga Sé—hoje capella do Rosario.

Educado regularmente no Seminario de São Joaquim onde adquirio os primeiros elementos litterarios, teve de interromper temporariamente seu curso de humanidades, em consequencia do passamento de seu pae, Germano Francisco de Oliveira. Iniciados de novo seus estudos preparatorios—pela insistencia de suas juvenis aspirações e tendo apenas 11 annos de idade, sua mãe D. Anna Rosa de Jesus passou em breve a segundas nupcias.

Homem sevêro de genio, violento de caracter e professando principios oppostos aos que levaram seo pae a querer dotal-o com uma educação litteraria, seo padrasto, que tinha predilecção pelos officios mecanicos, porque achava n'elles garantias de subsistencia, que não via nas lettras e nas artes liberaes, arrancou-o violentamente ao

estudo para applical-o d'esde logo ao aprendisado de um officio.

Sentindo-se com absoluta negação para o mister a que o destinára a prepotencia de seo padrasto, e não podendo mais vencer sua repugnancia, o joven Germano desertou em poucos dias da officina de marceneiro em que fôra filiado, aproveitando-se asadamente do movimento revolucionario de 1831, que deo em ultimo resultado a abdicação do primeiro Imperador. Reunindo-se ás tropas agglomeradas no campo de Sant'Anna propunha-se elle abraçar a carreira das armas, mas ultimando-se de chofre os acontecimentos, sua pouca idade servio-lhe de estorvo e teve de sujeitar-se a ser reconduzido á officina, depois de severamente castigado pelo seo tyranno domestico.

Não tardou porem em renovar a tentativa de opção pela carreira militar, mas fazendo-o sempre por si e sem ser secundado de apoio algum efficaz, teve o desgosto de colher o mesmo resultado negativo, custando-lhe d'esta vez a pueril fugida uma punição mais rigorosa. Sua reconducção á officina teve então logar com todo o apparatus de uma condemnação formal, pois levava adaptado á perna um argolão de ferro do qual se desprendia uma grossa corrente,— acto de barbaridade que amedrontou passageiramente o menino rebelde.

Como sóe acontecer em circumstancias identicas achou em seo generoso mestre a benevolencia que lhe negava seo mentor natural. Esse artifice provector, severo de character mas humano de sentimentos, contemporisou com sua repugnancia e á final protestou contra tão desusado despotismo e declarou que não concorreria para que fossem por tal modo violentadas as inclinações do menino confiado a seo ensino professional. A energia d'este procedimento do velho marceneiro esclareceo talvez o espirito do tenaz padrasto, e poz fim a sua desasisada insistencia.

Foi por esta epocha e á sombra da tregoa de rigor do-

mestico que começaram de realisar-se suas tendencias para o theatro, que se tornou o alvo de seus desejos e o centro de suas ambições. Seu gosto e vocação denunciavam-se a cada momento, e era seu entretenimento favorito a recitação de versos de differentes authores que retinha a favor de uma memoria felicissima e a declamação de trechos de diversos dramas a cujos ensaios assistia frequentemente dos bastidores do antigo theatro de São João, hoje de São Pedro d'Alcantara.

Pouco tempo depois d'este tirocinio furtivo, sentio-se tomado da ebridade que em certas organizações produz aquelle ambiente particular que se respira no palco, e sem saber nem querer resistir á voluptuosa e inebriante seducção que allucinava seu espirito, interessando-lhe o coração, começou um tirocinio regular fazendo a principio papeis de dama em theatros particulares. D'esde este momento já não foi possível contrariar seu destino.

Animado, applaudido, festejado em tenra idade, a impulsão foi mais forte do que elle, e em menos de dous annos, isto é, em 1833, fez a sua apparição em um theatro publico, e o simples factio independente de qualquer manifestação de acoroçoamento bastou para firmar difinitivamente sua carreira futura.

A primeira companhia dramatica regular que veio por esse tempo ao Rio de Janeiro, composta dos excellentes artistas João Evangelista, José Jacob, Ludovina Soares e outros, havia-se estabelecido n'um pequeno theatro na rua dos Arcos. Foi ahi que teve logar a sua estréa e o lisongeiro acolhimento pela aptidão e vocação que d'esde então revelou.

Joven e ardente, buscando applausos em toda a parte e a animação de todos os circulos de espectadores, passou do theatro dos Arcos para o da antiga rua do Valongo, depois para o de São Pedro, e afinal para o do bairro de D. Manoel, hoje theatro de S. Januario. Em 1839 achava-se elle de novo

no theatro de São Pedro quando o actor João Caetano dos Santos foi despedido pela direcção. Chamado então para substituil-o na parte de Samuel dos—*Dois Renegados*—de Mendes Leal, drama que tinha ido á scena uma unica vez com grande exito, julgou Germano chegado o momento de externar tudo quanto sentia dentro em si de talento, de ambições e de genio.

Dura provação lhe estava reservada para a execução d'essa parte de sua predileção ! Joven, inexperto, e artista novél, nunca teria podido imaginar a que ponto pode subir em seu desvairamento o ciume, a rivalidade de carreira.

Seu estudo aturado e consciencioso, a santidade de suas aspirações, as desinteressadas lições dos homens de letras, e seus esforços coroados de applausos em oito annos de estudo, que tantos louros lhe promettião para aquella noite fatal, tudo, tudo se esvaeceo ante a previa e tumultuosa manifestação de reprovação que lhe fôra preparada por um numeroso grupo de parciaes do actor despedido !

A compensação, porem, não se fez esperar, a reacção veio bem cedo; e com applausos espontaneos e repetidos os tumultuosos da vespera attestaram seu arrependimento no dia seguinte. Esse facto desagradavel foi a sua sa-gração artistica, o primeiro passo firme dado para o templo das artes, que lhe abria as portas.

Depois d'este custoso triumpho o artista imberbe marchou desasombrado na senda que um dia se lhe tornára difficil, caminhou de frente erguida direito ao alvo que sonhára sua imaginação árdida e que um momento lhe amaguraram o ciume desvairado e a malevolencia servil.

Justamente aquilatado o seu merecimento e sempre animados seus esforços e coroados de applausos seus progressos, o joven esperançoso tornou-se em breve um artista provector, tanto quanto era possivel n'essa epocha em que o talento permanecia entregue aos proprios vãos—na

ausencia de escolas regulares e desacompanhado da salutar correcção da critica.

Com 24 annos apenas sentia elle que a condição precaria e acanhada de artista contractado comprimia seu genio e apoucava suas aspirações. Queria palmas e triumphos de outros circulos, queria dilatar o horisonte de sua reputação e colher novos louros que fartassem suas ambições.

Essas idéas levaram-n'o a organizar uma pequena companhia composta em geral de aspirantes e neophitos da vespera, e escolheo para estréa d'esta nova phase de sua carreira a cidade de São Salvador de Campos, que n'essa occasião tinha de ser visitada por S. Magestade Imperial.

Durante sua permanencia n'aquella cidade deo uma serie de espectaculos que mereceram a approvação do Imperial visitante e o applauso do publico em geral.

Desse novo nucleo artistico data o apparecimento de alguns artistas, discipulos de Germano, que hoje se mostram com vantagem nos diversos theatros do Imperio; resultado que por inepecia ou má vontade nunca pôde ou soube colher seu vaidoso rival a despeito dos recursos de todo genero e da immerecida protecção que teve sempre.

Entre os que mais de distinguiram n'essa primeira turma reunida por Germano, figuram em primeira linha o Sr. Henrique José da Costa que se acha actualmente no theatro de São Paulo, e o Sr. Domingos de Sousa Martins que dirige o theatro da cidade de Santos.

Convidado depois pela direcção do theatro de São Pedro, voltou a figurar na companhia ali organizada, e n'ella conservou-se como primeiro actor até 1848.

A independencia de seu character, a sua actividade nativa, seu ardente desejo de emancipação artistica, e a necessidade de movimento que lhe impunham suas ambições nunca saciadas de reputação e gloria aconselharam-no a não renovação do contrato.

Confiante em si, como todo aquelle que se sente capaz de alguma cousa e com crenças vivas e claras sobre seu destino e a difficil arte que abraçara, deixou a Côrte e partio para a provincia da Bahia, onde foi para logo encarregado de reformar o theatro de São João, então dirigido por conta do governo. Teve alli a fortuna de faser proselytos e dar desenvolvimento e realce a arte dramatica em sensivel decadencia, usando apenas dos proprios recursos adquiridos com o favor do publico. E esse favor achava sempre uma justificação condigna em mais de uma ordem de idéas. Sua ambição mudava por vezes de alvo, sua dedicação nem sempre tinha sua individualidade artistica por objecto. Uma prova incontestavel deu elle já por essa epocha fazendo sobressahir dous moços cuja vocação advinhára, e cuja aptidão guiou com tanto acerto que figuraram com distincção entre seus collegas mais adiantados. Silvestre Francisco Meira, e Raymundo José de Araujo são dois discipulos que attestam a sinceridade com que Germano abraçava sua missão, e a profiquidade de sua aptidão professional.

O feliz exito de seus esforços n'essa época, e os louros ridentes que coroavam suas creações e tentativas, despertaram no actor João Caetano sempre cheio de si e sempre cioso até ao delirio, o desejo de ir á Bahhia disputar á seu rival os triumphos a que elle só julgava ter direito.

Não era o presumptuoso João Caetano dos Santos homem capaz de conter-se quando guiava seos passos á vaidade, movel constante de todas as suas acções e fonte inexaurivel de seos erros e desvios; e pois apresentou-se ufano e confiante na capital da provincia da Bahia.

O publico bahiano, que via reunidos os dous artistas cujas habilitações, dotes e reputação os destacava notavelmente do grupo de todos os seos collegas de profissão, concebeo e manifestou o desejo de vel-os juntos em scena.

A realisação seguio de perto a manifestação do desejo

geral, e os dous rivaes partilharam em quinhões iguaes os louros que lhes liberalisou o enthusiasmo sincero de um publico desprevenido.

Conscio de seo merecimento, Germano annuo aos desejos de João Caetano, que receioso da comparação, não quiz entrar em scena em uma peça onde ambos tivessem papeis de igual força.

O *Mouro de Veneza*, foi a peça escolhida, fazendo João Caetano o papel de Ottello, e Germano o de Loredano. O bisarro papel do mouro, tão bem interpetrado por Germano, foi n'essa occasião dado a seo rival, desempenhando elle um papelzinho de enxerto, mas ao qual soube dar chiste, finura e elevação á ponto de serem ambos os artistas pela mesma forma applaudidos e admirados.

Depois seguiu-se a *Castro*, fazendo ainda Germano o papel de D. Affonso. Mão grado o ver-se deslocado, D. Affonso nada restou a D. Pedro.

Não devia porém durar longo tempo esta lisongeira situação, as parcialidades começavam de nascer, os grupos se destacavam, os partidos difiniam-se, e as ovações parciaes e applausos acintosos em represalia de um e outro lado—seguros presagios de encarniçadas lutas—fazião presumir a reproducção dos desagradaveis successos de 1839, a renovação das scenas tumultuosas do theatre do Rio de Janeiro.

Germano, que se dedicára a arte pela arte, que a abraçára como missão de um neophyto e não como o mister de um mercenario, resolveo ceder o campo ao seo competidor para fugir ao desagrado dos tumultos, que seriam a consequencia inevitavel da situação creada pelo contacto dos dous émulos.

Retirou-se então para a cidade da Caxoeira, onde se conservou até fins do anno de 1850 ensinando a arte dramatica a alguns amadores em um pequeno theatre particular.

Sincero admirador do bello onde quer que o encontrasse,

em qualquer escalla, na natureza ou nas artes, occupava as horas que lhe deixavam vagas suas lições, no estudo e contemplação da natureza, e a não ser uma occupação litteraria, que emprehendeo por essa epocha, a seducção das sciencias naturaes teria levado de vencida o seo escandecido amor pelo theatro.

A placidez d'essa existencia tranquilla e doce e completamente estranha a seo espirito, diuturnamente habituado a actividade e ao movimento, impoz-lhe a necessidade do estudo de gabinete. O resultado d'essa applicação está consignado no *Archivo Theatral Cachoeirense* por elle publicado n'essa época com algumas de suas traducções.

Figuram entre ellas—*Maria Joanna, mulher do povo*;—*Marinheiro de São Tropez*;—*Justiça de Deos*;—*Huberto o feiticeiro* e outros, além de um elogio dramatico em verso de sua composição, sob o titulo—*Gloria da Cachoeira*, representado pelos seos alumnos, para festejar o anniversario da Independencia.

Sua actividade ia além. Cuidando sempre na versão de outros dramas e na composição de pequenas comedias originaes, deo algum tempo ao estudo serio da medicina de Hahnemann, que o deixára impressionado por uma cura de que elle fôra o objecto, e, ingenuamente entusiasmado pelo novo systema, de sua dedicação ao estudo passou natural e singelamente a applicação com tão feliz exito que colheo proveito moral e positivo durante algum tempo que clinicou levado pelas instancias dos que conheciam o bom exito de suas applicações.

Não era porém nada d'isso o que satisfazia sua natureza ardente e apaixonada; outro era seo destino; e a reacção veio bem cedo porque necessariamente devia vir. Arredado do centro de acção de sua existencia, longe por assim dizer de sua patria—o Theatro—a quietação d'aquelle remanso tornava-o nostalgico, a melancolia apossava-se d'elle, a saudade ganhava-o de dia em dia apezar de seos en-

tretenimentos litterarios e de suas aspirações scientificas.

A cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco, abria-lhe os braços e o esperava com um bello theatro recentemente acabado. Deixou pois a cidade da Cachoeira em 1850, e foi apresentar-se ao Marquez de Paraná que presidia aquella provincia.

Acolhido com benevolencia e consideração por esse estadista—em presença de um deputado pela provincia á Assembléa Geral, Germano ganhou definitivamente com uma simples resposta a boa vontade e o favor do Presidente.

Com cioso espirito de bairrismo o deputado pernambucano que assistia á combinação do Presidente com o artista, interveio no assumpto, e perguntou bruscamente a Germano—em que titulos se fundava sua aspiração e quaes as garantias que dava ao governo provincial para que lhe fosse incumbida empreza de tamanha monta e entregue um theatro cuja edificação custára tão avultada somma—«Minha reputação artistica, respondeo Germano, com nobre altivez, é o unico titulo com que se escudam minhas aspirações, e a inteireza do meo character a unica garantia que posso dar ao governo;—confiança em mim e fé no futuro são tambem os unicos elementos de que disponho.»

Estas palavras proferidas com o tom da verdade callaram profundamente no animo do Marquez e mudaram em decidido favor a benevolencia que esse severo administrador sentia pelo artista, que conhecia havia já muito tempo.

Os funebres e nunca assás lamentados acontecimentos de 1848, que cobriram de luto tantas familias, reclamavam alguma diversão poderosa e tenaz, que desviasse a diuturna tendencia dos espiritos e rarifizesse a densa nuvem de tristeza e de dôr que pesava sobre a misera cidade, que fôra victima dos cruellissimos massacres de 2 de Fevereiro.

A abertura do theatro de Santa Izabel sob a direcção de um artista tão sympathico veio realisar esse beneficio pu-

blico. Era o primeiro desafogo d'esses corações tão longo tempo comprimidos, foi a primeira irradiação de sentimentos não repassados de amargura, foi o primeiro expandir-se do sorriso de consolação e esperança. Data de 18 de Maio de 1850 essa nova e brilhante phase do theatro de S. Isabel inaugurada com o drama—*O Pagem d'Aljubarrota*—de Mendes Leal Junior.

Foi uma epocha memoravel para o theatro de Santa Isabel. O artista empresario assumio o character de empregado publico com o titulo de Administrador, lugar creado pela assemblea provincial, e Germano duplicou seus esforços para retribuir essa confiança e justificar a distincão.

Respondendo com desinteresse e sollicitude ás affeições e prestigio que o cercavam, montou o theatro com decorações variadas e custosas, fez-lhe um esplendido guarda roupa, e formou-lhe um magnifico archivo.

Nunca assás contente com suas manifestações de reconhecimento, contratou e sustentou uma companhia de opera italiana e um corpo de baile sem ser a isso obrigado pelas condições de seu contrato.

Ao terminar a sua empresa que elle soube tornar por esse modo satisfactoria e brilhante, fez publicar um relatório de sua administração com os detalhes da receita e despesa, exemplo novo e sem imitadores entre os empresarios theatraes, mas que não ficou esteril para elle, pois as manifestações de benevolencia do publico e do governo nunca se fazião esperar quando as elle provocava tão dignamente.

Nesse mesmo anno foi Germano condecorado por S. Magestade Imperial com o habito da Imperial ordem da Rosa, honrosa e rara distincão que até hoje não teve nem um outro collega seu.

Terminado, com manifesta aprovação geral, os trabalhos do primeiro anno de empresa, renovou o seu contracto por mais um anno com satisfação do governo, do publico e dos

artistas das tres companhias que dirigia; e com o fim de melhorar seu corpo artistico—com a aquisição de novas figuras voltou então ao Rio de Janeiro depois de quatro annos de ausencia.

Foi encontrar alli no pequeno theatro de S. Francisco, hoje Gymnasio, o actor Florindo Joaquim da Silva que se achava no ponto de abandonar sua acanhada empresa por que os embaraços e difficuldades que encontrava davam á continuação d'ella o character de uma luta contra o impossivel.

A chegada de Germano foi-lhe porém um presente da Providencia. Sempre philantropo e generoso não esperou elle por instantes sollicitações de seo collega, e desde logo poz em contribuição para ajudal-o, seo talento, seo prestigio, e a benevolencia do publico fluminense, que cujo centro contava innumeraveis favorecedores e admiradores entusiastas.

Em tres representações em que tomou parte, o Sr. Florindo adquirio convencimento de que o valiosissimo e desinteressado auxilio de seo collega viera salvar-o dos apuros economicos a que tinha chegado.

E' sempre grato ao espirito recordar factos d'esta natureza que honram tanto ao individuo como a humanidade, e essa satisfação cresce quando se considera que o desinteresse raro chega ao ponto a que o levou Germano, que sem nada perceber do producto de seo trabalho, fez á sua custa todo o vestuario de que houve mister para os *Dois Renegados e Graça de Deos*.

Salvo de diffiuldades o seo collega e ultimado o negocio que o levára á côrte, regressou a Pernambuco, e levou pacificamente ao cabo sua segunda empresa, sempre animado pelo favor do publico, sempre a contento do governo provincial, sempre coroado de applausos.

N'esta segunda época de sua administração o acaso fez-lhe deparar, como uma compensação providencial, com

uma joven estreante que acabava de fazer suas primeiras provas no theatro de São Pedro do Sul. Foi uma garantia de futuro para a empresa, um achado preciosissimo para o artista, uma revelação para a arte.

Joven, bella, e graciosa, intelligencia rigorosa, e espirito vivaz, coração moldado para as grandes paixões, alma dotada de rara sensibilidade, D. Manoela Lucci amava o theatro até ao delirio, por instinto, por inclinação nativa, por imposição do destino.

A contemplação silenciosa e mystica das platéas era-lhe uma seducção poderosa que enchia seo coração infantil de innocente orgulho, dando-lhe a consciencia intima de sua sagrada missão; o estrepitar dos applausos ennebriava-lhe o espirito e vulcanisava sua imaginação que começava de despertar para o bello; as corôas e as grinaldas eram um balsamo suavissimo para sua alma inspirada—então em toda a pureza e castidade de suas aspirações indecifráveis—e as flores desfolhadas, esparsas no ambiente do palco e por sobre sua cabeça laureada em extasis, a arrebatavam para o mundo das illusões e dos sonhos, com um sorriso exultante e languido á errar-lhe nos labios febricitantes, apenas descerrados.

Assim quasi caprixosamente feita pela natureza para o theatro e nas mãos de um missionario como Germano, a joven inspirada devia tornar-se facilmente uma artista de elevado merecimento, e assim foi.

Rico de acrysolada fé na sua missão e reverdecidas esperanças de porvir, não se sentindo mais isolado na senda semeada de espinhos que trilhava, desacompanhado até ali, cedeo de novo á sua tendencia favorita e fez viagem para a provincia do Maranhão. Ufano e descuidoso deslembrava o passado com suas lutas, as recordações com suas glorias, o mundo e suas antitheses, para ceder á impulsão extranha que o impellia. Outros horisontes visava entre sonhos, sentindo-se de chofre mais do que era até

então, melhor do que antes tinha sido: guiava pela mão a debil sacerdotisa que a providencia lhe fizera achar em seo caminho.

Ao passar pela capital do Ceará, a direcção de uma sociedade dramatica particular conseguiu retel-o por 15 dias, para o tornar alvo da sollicitude e applausos de uma população, que de ha muito desejava vel-o. Foi mais uma grinalda para sua corôa artistica, e novas emoções para seo coração insaciavel.

Seguiu então para a cidade de S. Luiz do Maranhão onde o esperavam demonstrações de inequivoco regosijo.

Recebeo ahi por empresa da administração provincial, o theatro de S. Luiz, e durante dois annos dirigio com exito igual ao que obtivera em Pernambuco; dilatando o circulo dos artistas, distinguindo-se entre os outros os Srs. Silvestre e Raymundo, e muito notavelmente e rica perola que encontrára—D. Manoela Lucci.

O publico do Maranhão, exigente, e de um gosto apurado, não foi todavia escasso na manifestação de seo apreço para com o artista que se apresentava tão brilhantemente ante elle.

E' que as magestosas figuras de *Frei Luiz de Sousa*; *Antonio José*; *Luiz de Camões* e outras, appareciam deslumbradoras e em plena vitalidade sobre o palco.

Com tino administrativo e tendencias economicas, sobrio e moderado sempre; mais homem de lar do que aventureoso libertino, previdente, judicioso e pensador, Germano, (que n'este ponto é uma excepção entre seus compaheiros) gastando o necessario sem expor-se a privações e guardando do superfluo, conseguiu faser um peculio que o habilitou a realisar por essa epocha o seu mais querido sonho de turista, uma viagem á Europa.

Visitar as grandes capitaes, admirar a arte em todas as suas manifestações n'esses pontos que a civilisação tornou o centro de tudo quanto ha de bello e de grande, era

para elle mais do que um sonho, quasi uma necessidade; mais do que uma fantasia, quasi uma consolação.

E pois habilitado como se achava para realisar o seu grato designio, não quiz continuar com a empresa. Preparou-se e seguiu viagem.

No lapso de alguns meses, visitou as principaes capitães do velho mundo, e os mais importantes estabelecimentos dos diversos paizes. França, Inglaterra, Alemanha e Portugal absorveram-lhe antes de muito tempo os recursos obrigando-o a regressar á patria.

Fel-o, mas não sem grande aproveitamento tanto para seu espirito como para sua profissão. Vio e estudou os differentes theatros e os melhores artistas, familiarisou-se com as tres escholas, classica, romantica e realista, do que deu em sua passagem por Lisboa uma prova lisongeira para elle.

Não foram poucas as difficuldades que teve de vencer para que se abrissem as portas dos theatros portuguezes. Sua qualidade de brasileiro, foi-lhe, entre outras, um estorvo, pela prevenção de que a modificação americana da linguagem desagradaria ao publico portuguez.

Era então ministro do reino em Portugal—Rodrigo da Fonseca, que sabendo da reputação bem merecida que na sua terra gosava o artista brasileiro, disse-lhe que não desejava vel-o baquear na scena portugueza, porque se elle fosse um aventureiro, nada importaria; mas artista de nome como era, levaria um grande cheque, se pela ventura naufragasse fóra de seo paiz; voltaria desmoralizado.

Assim mandou o ministro uma commissão composta de homens de lettras, entre os quaes se achava Mendes Leal, para que assistissem o ensaio geral e dessem o seo parecer sobre o artista.

Na noute do ensaio geral, Germano recebeu as mais solemnes manifestações de apreço dos litteratos membros da commissão, e foi por elles animado para fazer a representação.

Ouvido, examinado por juizes competentes, por entidades da administração suprema, afinal conseguiu representar nos dous theatros *D. Maria e Gymnasio*; uma comedia de costumes o *Duque de Roquelautre* no segundo, e um drama de força—*A Gargalhada* no primeiro, não tirando para si de nenhuma d'essas recitas o menor lucro material. Os beneficios foram para as respectivas empresas e para os pobres.

Para elle bastou-lhe a compensação que achou no acolhimento benevolo, nos elogios dos homens de letras e publicamente da imprensa e das platéas.

Como actor e como individuo o publico de Lisboa e as pessoas que com elle se relacionaram, consideram-no soberbamente para seu amor proprio de artista, e justamente em relação a seu merecimento individual.

Sem altaneria, sem orgulho ouviu as observações e conselhos dos criticos, que assistiam as suas provas, e sem sacrificar uma só de suas crenças, sem abandonar nenhum de seus principios em ponto de arte, soube agradar ao publico portuguez e deixou em Lisboa sinceras e valiosas sympathias cuja recordação lhe é e será sempre grata.

O Sr. José da Silva Mendes Leal Junior apreciando devidamente os meritos do artista e do homem, pela imprensa aquilatou-os a ponto de nada mais precisar para que a frente do nosso biographado fosse ornada de virente corôa que immortalizará seu nome. E' aquelle Sr. bem conhecido para que um elogio seu forme a reputação de qualquer artista. Folgamos de transcrever aqui as expressões do Sr. Mendes Leal Junior.

UM ARTISTA BRASILEIRO NO THEATRO NORMAL.—PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DA — GARGALHADA — DRAMA EM TRES ACTOS POR ARAGO.

«Apezar da noite tempestuosa e negra,—uma dessas noites dos climas meridionaes, em que os tufões do sueste

parecem querer vingar-se por sua vez dos longos dias de um firmamento sem nuvens, puro e diaphano, como se o manto azul da Virgem Celeste servisse de toldo a regiões abençoadas, e em vez de encobrir, revelasse aos homens a presença de Deos,—apezar da noite inclemente de quinta-feira, uma platea escolhida e numerosa esperava com ansiedade no theatro de Maria II a apparição do actor brasileiro, o Sr. Germano Francisco d'Oliveira, cuja estréa no drama *a Gargalhada*, estava annunciada.

«Como é de suppor, cada qual fazia os seus commentarios; este desejando ver realisadas no actor as qualidades que preferia; aquelle duvidando da possibilidade de tal realisação, sem saber bem porque. Todo o incognito abre margem ás conjecturas.

«Afinal levantou-se o panno, e começou a peça. As supposições impacientes cederam o lugar á ebriosidade vivamente excitada.

«O drama *a Gargalhada*, seja dito com a devida venia a um tumulo recente e illustre,—o drama *a Gargalhada* vale pouco. Valia muito mais o seu autor que saudamos na sua passagem por esta capital, quando se encaminhava ás praias brasílicas, julgando-as só do exilio sem presentir nellas a morte, e que nos deixou, passando um testemunho inapreciavel da sua honrosa estima convertida hoje em monumento de saudade ao viajante cosmopolita, a quem Deos compensou a luz dos olhos com o fulgor do entendimento e a claridade do espirito.

«A idéa fundamental da peça, apezar de commum, daria de si felizes contrastes e lances variados, se os caracteres, excepto o do protagonista no terceiro acto, não fossem apenas contornados n'um esboceto de perfil. Ha alli a base de um drama; mas não se póde dizer que o drama sahisse, vivo e feito, robusto e viril das mãos do seu creador. É um quadro para um homem, e cremos que não foi outra a intenção do autor. A fortuna que o tem sustentado nos



theatros do imperio nas mãos de dous artistas rivaes e ambos altamente nomeados, confirma esta idéa, corroborada ainda na quinta-feira no theatro normal. O merito vem mais da execução do que da concepção.

«Todavia, mesmo para o protogonista, os dous primeiros actos são frouxos e pouco favoraveis. As mesmas peripecias que preparam o lance capital não tem o vigor, o relevo, a altura e a energia que poderiam ter afim de predispor os espectadores a encarar o dramatico vulto que no ultimo acto se revela. Querer-se-hia tornar mais inesperado o contraste, desvendando-o subito? E' natural. No theatro, porem, é preciso extremo cuidado com esses sobresaltos que só um grande tacto artistico salva e illustra.

«O actor, novo para nós, lutava com uma das mais difficuldades que podem tolher os dotes naturaes. O drama que trouxera, escolhera, e apresentara, fôra totalmente reformado da versão primitiva, versão mesclada e barbara que nem o conselho dramatico autorisava, nem o bom gosto das platéas tolerava de certo até ao meio. O resultado desta correccão geral, que levava comsigo todas as locuções viciosas e anti-grammaticaes da copia apresentada, foi subsistirem as idéas n'um molde e forma diversissima. D'ahi resultava necessariamente um singular tumulto. O pensamento familiar, avivando reminiscencias, e fazendo resurgir a phrase, mal apagada e ainda gravada fundo pelo habito no espirito, levanta-a em conflicto com a nova phrase, recommendada á memoria por um estudo fresco. Nesta situação ardua os esforços do engenho, que, livres se applicariam exclusivamente a execução do todo, tinham de repartir-se continuamente preoccupando-se com as minucias da locução.

«Apesar desta difficuldade terrivel, apesar de estranho ao nosso publico, apesar da commoção de uma estréa, apesar de ter trasido comsigo um pezo de uma grande reputação, que não poucas vezes aggrava as provas e faz succum-

parecem querer vingar-se por sua vez dos longos dias de um firmamento sem nuvens, puro e diaphano, como se o manto azul da Virgem Celeste servisse de toldo a regiões abençoadas, e em vez de encobrir, revelasse aos homens a presença de Deos,—apezar da noite inclemente de quinta-feira, uma platea escolhida e numerosa esperava com ansiedade no theatro de Maria II a aparição do actor brasileiro, o Sr. Germano Francisco d'Oliveira, cuja estréa no drama *a Gargalhada*, estava annunciada.

«Como é de suppor, cada qual fazia os seus commentarios; este desejando ver realisadas no actor as qualidades que preferia; aquelle duvidando da possibilidade de tal realisação, sem saber bem porque. Todo o incognito abre margem ás conjecturas.

«Afinal levantou-se o panno, e começou a peça. As supposições impacientes cederam o lugar á ebriosidade vivamente excitada.

«O drama *a Gargalhada*, seja dito com a devida venia a um tumulto recente e illustre,—o drama *a Gargalhada* vale pouco. Valia muito mais o seu autor que saudamos na sua passagem por esta capital, quando se encaminhava ás praias brasílicas, julgando-as só do exilio sem presentir nellas a morte, e que nos deixou, passando um testemunho inapreciavel da sua honrosa estima convertida hoje em monumento de saudade ao viajante cosmopolita, a quem Deos compensou a luz dos olhos com o fulgor do entendimento e a claridade do espirito.

«A idéa fundamental da peça, apezar de commum, daria de si felizes contrastes e lances variados, se os caracteres, excepto o do protagonista no terceiro acto, não fossem apenas contornados n'um esboceto de perfil. Ha alli a base de um drama; mas não se póde dizer que o drama sahisse, vivo e feito, robusto e viril das mãos do seu creador. É um quadro para um homem, e cremos que não foi outra a intenção do autor. A fortuna que o tem sustentado nos



theatros do imperio nas mãos de dous artistas rivaes e ambos altamente nomeados, confirma esta idéa, corroborada ainda na quinta-feira no theatro normal. O merito vem mais da execução do que da concepção.

«Todavia, mesmo para o protagonista, os dous primeiros actos são frouxos e pouco favoraveis. As mesmas peripecias que preparam o lance capital não tem o vigor, o relevo, a altura e a energia que poderiam ter afim de predispor os espectadores a encarar o dramatico vulto que no ultimo acto se revela. Querer-se-hia tornar mais inesperado o contraste, desvendando-o subito? E' natural. No theatro, porem, é preciso extremo cuidado com esses sobresaltos que só um grande tacto artistico salva e illustra.

«O actor, novo para nós, lutava com uma das mais difficuldades que podem tolher os dotes naturaes. O drama que trouxera, escolhera, e apresentara, fôra totalmente reformado da versão primitiva, versão mesclada e barbara que nem o conselho dramatico autorisava, nem o bom gosto das platéas tolerava de certo até ao meio. O resultado desta correcção geral, que levava comsigo todas as locuções viciosas e anti-grammaticaes da copia apresentada, foi subsistirem as idéas n'um molde e forma diversissima. D'ahi resultava necessariamente um singular tumulto. O pensamento familiar, avivando reminiscencias, e fazendo resurgir a phrase, mal apagada e ainda gravada fundo pelo habito no espirito, levanta-a em conflicto com a nova phrase, recommendada á memoria por um estudo fresco. Nesta situação ardua os esforços do engenho, que, livres se applicariam exclusivamente a execução do todo, tinham de repartir-se continuamente preoccupando-se com as minucias da locução.

«Apesar desta difficuldade terrivel, apesar de estranho ao nosso publico, apesar da commoção de uma estréa, apesar de ter trasido comsigo um pezo de uma grande reputação, que não poucas vezes agrava as provas e faz succum-

bir os mais audases e confiosos, o Sr. Germano sahio victorioso desses multiplices obstaculos, justificou o seu nome, e conquistou de chofre um lugar distincto nos annaes da arte portugueza.

«É difficil passar assim das regiões do ignoto ao clarão da maxima publicidade, e esta rapida transicção é cheia de perigos, mas o Sr. Germano galgou n'um salto: e, o que é mais, mereceu a palma colhida; o seu nome era ainda hontem escoltado de uma duvida curiosa hoje é acompanhado de uma justa gloria.

«Nos dous primeiros actos, em despeito mesmo do pouco movimento delles, os expectadores intelligentes descobriam logo no Sr. Germano o artista verdadeiro, habituado a pisar firme o tablado, a sondar os segredos da sua difficilissima arte, e a traduzir com propriedade e energia todos os sentimentos do coração. Lamentava-se unicamente que não tivesse escolhido um quadro mais vasto para desfogar o seu notavel talento, comprimido alli naquella estreiteza de scenas. O olhar vivido e a dicção facil e correcta, a acção cuidadosamente calculada, e a intelligente divisão do periodo, difficuldade de exposição em que naufragam muitos artistas aliás profusamente dotados pela natureza, manifestaram desde logo nos praticos e entendidos que o Sr. Germano, não só estava ao nivel da sua fama no imperio, mas ganharia legitimos louros na primeira scena da capital, habituada a outros triumphos. A curiosidade e a attenção cresciam com estes estimulos e todos esperavam a verdadeira scena dramatica da peça para julgar o artista.

«O final do segundo acto foi uma commoção unanime. Aquella gargalhada stridente, pavorosa, mais terrivel que todas as convulsões do choro, annuncio inesperado de uma alienação repentina, e todavia preparada pelo actor com arte esmerada, fez estremecer uma fibra intima no coração de todos os espectadores. Era um rir mais que humano; era um rir que doía um desafio as lagrimas. Ficava uma sensação oppressiva.

«Dizem pessoas que tem habitado o Rio de Janeiro, que o terceiro acto desta peça é o triumpho mais brilhante do celebre actor João Caetano dos Santos de quem o Sr. Germano é competidor no Brasil. Não sabemos como elle terá caracterizado esse desvario pungente, que dilacerando a alma, a força a romper em lagrimas, em palmas e bravos. Duvidamos porém de que o possa fazer com mais propriedade, com mais vehemencia, com mais tragica expressão do que o faz o Sr. Germano. Fará muito se fizer tanto.

«Não seria facil ver um olhar desvairado com mais verdade, nem mais sombria e phantastica poesia n'uma alienação pathetica. Os ultimos periodos do terceiro acto, pelo Sr. Germano, se pode notar-se-lhe alguma cousa, é estarem acima do pobre caixeiro André. Conhece-se que mais altas aspirações chamam o artista. O traje civil contemporaneo desdiz quasi naquella expressão solemne, digna de tragedia. Ir-lhe-hia melhor a toga e a chlamyde, o arnez e a garnacha. A alma do actor não cabe na figura vulgar do alienado, que apenas tem um lampejo ephemero, uma scintillação passageira de sentimento e de drama. E' Hamlet, é Othelo, é o rei Lear que lhe convém; é a paixão com os seus furores, a tempestade com os seus risos, a fatalidade como seu stigma, é Hernani, é Didier, é Ruy Blas. André deixa apenas adivinhar o artista brasileiro: um grande vulto completaria o grande actor.

«O publico foi sensato e foi justo. No terceiro acto o applauso tomou o character de enthusiasmo. Repetidas explosões de bravos e palmas acolheram os principaes effeitos, e no final, a platéa unanime, victoriou especialmente o actor hospede, distincção raramente concedida entre nós, como para honrar o seu merito e dar-lhe não o baptismo, porque já o tinha competente, mas a confirmação de artista com o seu suffragio.

«Seria injustiça se nesta commmeração esquecessemos os actores nacionaes, cujo zelo, boa vontade e espirito de

fraternidade são dignos dos maiores elogios. No drama a *Gargalhada* todos os papeis se tornam secundarios em presença do de André. Esses papeis secundarios foram porém executados todos pelos primeiros actores do theatro normal que, para auxiliarem o seu collega, não hesitaram em ceder-lhe o passo, e com espontanea bisarria lhe prestaram o concurso cortez de talentos affeitos ao primeiro plano. É honrosa e digna esta abstenção n'um terreno, cheio de antagonismo; onde se sabe que as rivalidades e as competencias se armam de caprichos implacaveis. É um testemunho que se converte em gloria, tanto do actor estrangeiro, como dos seus collegas em arte. Ha nestas manifestações uma nobreza que attesta em cada uma consciencia do proprio valor, e substitue a emulação proficua ás porfias ridiculas. Quem se abstem assim não desce, sobe. Damos sinceramente os parabens aos nossos actores por este procedimento, diagnostico de civilisação, que commendando-nos lá fora, ensinará os orgulhos pygmeus; damos-lhe sinceramente os emboras por esse procedimento, tanto como ao artista laureado pelo seu triumpho. Elles sabem que lh'o diz uma voz que nem lhes mente, nem adula ninguem.

«Consintam-nos duas palavras ácerca do actor que fez a sua estréa. É para fallar do homem depois de ter fallado do artista.

«Dá elle ainda relevo maior aos seus dotes por uma rara modestia, qualidade pouco vulgar nos da sua profissão. Lhano de modos, fino de trato, intelligente sem ostentação, investigador e estudioso sem se impor, o Sr. Germano realça os dons do seu engenho com as prendas da sua pessoa, e tem tanto jus á estima social como ás corôas artisticas. O filho do Brasil honra a sua patria, e os filhos de Portugal souberam apreciar o filho do Brasil como homem, como artista, como irmão.»

MENDES LEAL JUNIOR.

Um artigo escripto por esta forma e assignado—*Mendes Leal*—é um monumento de gloria, por isso que o distincto litterato portuguez, artista de subido engenho, não se tornaria um *claqueur* por bonhomia; não baratearia elogios a quem elle conscienciosamente não achasse que os merecia. Entretanto não ficou só nisso a demonstração de apreço que Germano recebeu do autor dos *Homens de marmore*: Tendo elle acabado n'aquelles dias o bello drama—*Urgel de Camprodon*, dedicou-o a Germano, e na dedicatória que abaixo se segue, vê-se mais um testemunho de muita consideração e confraternidade artistica.

A GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, EM SIGNAL DE VERDADEIRA AMIZADE, OFFERECENDO-LHE E DEDICANDO O DRAMA—URGEL DE CAMPRODON.

Acceita, artista eximio, este tributo
 Que vem do coração;
 Se no valor é parco e diminuto,
 E' grande na intenção.

Teus dotes conheci. O louro nobre
 Que te enrama essa frente,
 Brotando em flor, de novas flores cobre
 O teu largo horizonte.

Honrou-te a França, conquistaste a gloria
 Entre um povo de irmãos,
 Artista, grave o affecto na memoria
 O aperto desta mão.

Não posso dar-te mais. Se mais tivera
 Mais quizera votar-te,
 Mas basta a offerta quando nella impera
 Fraternidade de arte.

Se alguma vez, no solo abençoado
 Do teu vasto paiz,
 Te occorrer do poeta improbo fado,
 Recorda o que elle diz—

Longe ou perto, em boa ou má ventura,
 Certo o amigo acharás,
 Que não borda de falsa douradura
 A lizonja fallaz.

Illustre és já, e crescerás na fama
 Que o genio legitima:
 Falla a amisade, e o teu nome aclama
 Sincera a voz da estima.

Lisboa—Junho de 1856.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

Cesar de Lacerda, o autor da *Probidade*, pagou tambem o seo tributo de admiração aos talentos de Germano offerecendo-lhe o seo drama *Dous Mundos*, que hoje corre impresso trazendo como prefacio a seguinte carta dirigida pelo autor á Germano, carta que é uma homenagem rendida ao merecimento do grande actor brasileiro.

AO DISTINCTO ACTOR BRAZILEIRO O SR. GERMANO DE OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA EM TESTEMUNHO DE AMIZADE, CONSIDERAÇÃO, E FRATERNIDADE ARTISTICA.

Meu Germano:

«Não se dirá que vieste a uma terra de irmãos sem lebares para a tua patria uma lembrança indelevel, uma prova au-

thentica da consideração e estima que tanto mereces, e que eu tão verdadeiramente te consagro. Olha que não é uma lisonja: e para que havia eu lisongear-te? A lisonja é ridicula em todas as classes; nesta nossa chega a ser anti-legica, porque se a alma do artista é exclusivamente fadada a sentir a verdade e a comprehender os sentimentos mais nobres do coração humano, não pôde nem deve albergar uma cousa tão baixa e mentirosa, como é a lisonja.

Dedico-te o meu drama porque sou teu amigo, e porque desejo obsequiar-te quanto me seja possível n'uma terra, que não é a tua, mas onde, creio, encontraste irmãos que te minoram as saudades que terás dos teus. Feliz me considero por te poder provar que os artistas portuguezes não deixam passar despercebidamente uma reputação como a tua, e que o demonio da inveja os não tenta a ponto de não prestarem homenagem singela, mas verdadeira, ao artista que se apresenta com a modestia que só o talento faz nascer, e com as qualidades pessoaes que te adornam. Aqui, com rarissimas excepções, não ha esse desprezo, essas susceptibilidades, e essas aristocracias balôfas, que, segundo o que tenho lido, irás encontrar em outros paizes. Aqui, em cada homem a quem o publico tenha honrado com a corôa de artista, has de achar um amigo verdadeiro, um irmão carinhoso. O publico já tu o conheces. Essencialmente benigno e protector dos artistas, viu-te, comprehendeu-te e applaudiu-te. Não te apresentaste com essas corôas de louro com que os teus compatriotas te ornaram a fronte; esse nome, que na tua patria é conhecido como o de um mestre, apresentastel-o aqui com o modesto titulo de discipulo. « Venho estudar, para ensinar aos meus, » disseste, e alguém julgou isso uma lisonja por meio da qual esperavas obter *um successo*. Viram-te representar e a modificação da tua pronuncia, o teu estar em scena, toda a execução, emfim, do teu papel, provou claramente que, não só era realmente

o teu fim estudar a arte na escola moderna, mas até que já alguma coisa havias estudado. Todos te reconheceram logo as tendencias melodramaticas da escola romantica, mas com a modificação possivel, e que só um talento pôde conseguir no curto prazo de doze a treze ensaios. Conheceu-se que a escola moderna, a da verdade, era quasi desconhecida no teu paiz, e que, por consequencia, tinhas realmente a intenção, altamente civilisadora, de regenerares a arte por meio do estudo com artistas de reconhecida valia e reputação. Além disto, se no primeiro acto da *Gargalhada* se tornou mais sensivel uma inevitavel e pequena desigualdade no teu systema de declamar em relação aos mais actores, no final do segundo, e no terceiro, especialmente, os bravos expontaneos e as palmas d'uma platéa escolhida, te provaram claramente que o publico portuguez tambem te conferiu o diploma d'artista, que tens na tua patria. Aquelles applausos disseram-te—*avante!*—apontando-te para um futuro mais risonho ainda, não só para ti, que estudas, mas para todos os teus irmãos, a quem vaes mostrar um novo horisonte de glorias artisticas. Realmente, pena era que n'um paiz como o Brazil, não houvesse a innovação, que só o teu bom senso e o teu amor á arte, seriam capazes de empregar. É um serviço que não sei como t'o hão de pagar lá na tua terra; porque sendo inquestionavelmente a arte dramatica um dos principaes caracteristicos do estado de civilização em qualquer paiz, os estrangeiros, que vão ao Brazil, podiam consideral-o menos civilizado se frequentassem os theatros. Por consequencia a tua resolução foi, não só grandiosamente artistica, mas até patriotica. Honra te seja feita. É mais uma nobilitação, mais uma pagina honrosa na historia da arte dramatica; e para que não a apague algum d'esses tres inimigos, capitaes dos homens, a *inveja*, a *ingratidão*, e o *tempo*, aqui a deixo escripta de fôrma que não possa morrer. Hei de conseguil-o, não pela importancia da pro-

ducção a que vae ligada, mas sim pelo facto de estar impressa. Pena tenho eu de não possuir para este fim uma obra mais correcta, de mais importancia, e mais digna de ti. Nos *Dois Mundos*, ha ainda defeitos, e muitos, e grandes até, defeitos que eu poderei talvez corrigir na minha quinta ou sexta producção dramatica; mas d'aqui até lá hei de estudar muito, ha de passar muito tempo, e eu estava ancioso de te dar uma prova da minha affeição, archivando o teu generoso pensamento. Além d'isto, poderia offerecer-te outro drama que de futuro escrevesse com mais correccão, com mais importancia litteraria, com mais poesia, mas tanto do fundo d'alma, com tanta vontade, parece-me, meu Germano, que nunca mais escreverei um drama! A alma, tinha-a toda ali, porque ainda estava impressionada pelas scenas detestaveis que presenciei n'um certo mundo em que vivi algum tempo; a vontade, dava-m'a um pensamento que tive desde que me achei no *Theatro do Gymnasio Dramatico*. Parecia-me desnatural que n'uma corporação onde ha artistas, estivesse a arte resumida no estudo de fazer rir as platéas; achei muito possivel que a hilaridade fosse algumas vezes substituida pelo interesse, e até pelas lagrimas. Experimentei e conclui que me não tinha enganado. Paillard de Villeneuve, advogado de Victor Hugo na questão que a *Comedia franceza* propoz ao illustre dramaturgo, disse no *Tribunal do Commercio do Sena*, que «chaque époque devait avoir une mission qui lui fût propre; notre siècle n'était pas tellement déshérité qu'il dût n'être qu'un echo du passé.» Isto dizia-se a respeito de uma questão de arte, e a arte de que se tratava era a nossa, a dramatica. Tomei isto, não só como um axioma, mas tambem como uma verdade que devia estudar, analysar, e guiar por ella todas as minhas tendencias artisticas. É o que tenho feito. Conheci que o theatro antigo era unicamente um meio de distracção, e que hoje, não só preenche este fim, mas um outro tão elevado, tão sublime, tão santo,



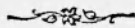
que só elle bastava para a perfeita nobilitação da arte, que os preconceitos d'uma aristocracia balôfa e pedantesca, ainda hoje imagina sem distincção, e sem um primeiro logar na *escala-social*. ¿ Quem póde negar logicamente a nobreza d'uma arte *que ensina*? ¿ Não será verdade que o theatro moderno serve de instrucção ás classes mais inferiores da sociedade? Como poderia o operario vir a saber o que se passa e o que se faz n'uma sociedade, que elle não conhece, se não fosse o poeta da nova escola, que lhe pinta os palacios, os costumes, os vicios e as virtudes do nobre opulento, e o artista inspirado que lhe faz sentir o que escreveu o poeta? É pois innegavel que para o povo a arte dramatica é hoje um manancial de instrucção. Antigamente, n'esses dramas de punhal, venenos e portas-falsas, não via senão o horror do crime, e a apothese da virtude; isto mesmo via-o mal, porque, acobertado por uma linguagem a maior parte das vezes nimiamente affectada, acções quasi sempre exageradas, caracteres excepcionaes e muitas vezes impossiveis, o drama antigo era uma agglomeração de difficuldades para a limitada intelligencia de um operario ou de uma creança. Esse grande fim que o escriptor deve ter sempre em vista, *o castigo ao vicio e o premio á virtude*, via-o o povo, mas via-o porque sabia que o devia ver, não porque o entendesse a maior parte das vezes. No drama moderno já não acontece isto. Vê ali typos muito seus conhecidos, ouve frases inteiras que já ouviu, experimenta sensações que já experimentou, e isto prende-lhe a attenção, innoculando-lhe, sem o perceber, uma linguagem pura, inflexões razoaveis, e o conhecimento pratico dos perigos do nosso seculo. Preenche, pois, um grande fim, esta escola moderna, e é bem mereceres da tua patria as diligencias que fazes para lá a plantares. Só a ignorancia ou a maldade podem negar-te as honras que mereces como artista, e a estima que, como homem te consagra o

Teu collega e amigo verdadeiro,

CEZAR DE LACERDA.»

APPENDICE.

Julgo conveniente addicionar aqui as poesias espalhadas no caminho trilhado pelo artista brasileiro; elle conserva-as como lembrança muito querida da bondade dos seus amigos e afeiçãoados.



TRIBUTO AO MERITO.

AO SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Estatuas levantar erguer aos genios
Alem dos mundos immortal padrão,
Deve o poeta—no delirio acceso !
Venho hoje cumprir minha missão.

È bella a senda das artes
Quando o artista entende o verbo,
Que o torna na terra nobre;
Enche o mundo de seu nome,
Enxugando o pranto acerbo
Que orvalha a face do pobre.

Presenciai este quadro
 Assaz sublime.—Eu intimo
 Que nelle fiteis a vista:
 —Um artista na miseria
 Deslembrado achou arrimo
 No seio de um nobre artista.

Cingi de c'roas a fronte,
 Regae o palco de flores
 Do nobre artista a memoria;
 Votae-lhe, ó povo, mais palmas,
 E nas palmas mais louvores,
 E nos louvores mais gloria !

Deixae que o genio floresça
 Deixae florescer as artes,
 Da gloria a nobre conquista,
 Erguei estatuas e templos,
 Do mundo em todas as partes
 Em honra do nobre artista !

E tu, artista, prosegue
 Da gloria no nobre empenho,
 Do pobre enchugando o pranto !
 Agora desculpa peço;
 E' fraca a lyra, convenio,
 Mas foi sincero o meu canto !

Estatuas levantar, erguer aos genios
 Alem dos mundos immortal padrão,
 Deve o poeta—no delirio acceso !
 —Poeta, já cumpri minha missão.

Maio—1859.

Juveniano Monteiro.

AO INSIGNE ARTISTA O SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA POR
OCCASIÃO DO BENEFICIO QUE DEU Á ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA
PERNAMBUCANA EM 8 DE ABRIL DE 1858.

Este canto que ouvis tambem é vosso,
Commigo o sentireis.
Em vosso coração lá brilha a idéa,
No meu reflecte a luz daquella fronte
Que invejariam reis !
C. CASTELLO BRANCO.

O que oiço ! O que vejo ? Um povo immenso,
O applauso geral, o puro incenso,
Que o genio mereceu !
No meio do concurso um bardo app'rece,
Dai-lhe um logar tambem, si elle o merece !—
Este bardo—sou eu !

Eu que as artes adoro,—esta cadeia
D'immensa aspiração, d'encantos cheia,
Que nos deslumbra a vista !
Eu que—joven poeta—me supponho
D'outros muitos áquem; não me envergonho
De cantar o artista.

O artista que compr'hende o sacerdocio,
Tão sublime, das artes,—que no ocio
Não se deixa ficar !
Ao astro que dá luz, vida ao proscenio,
Das artes o pharol, do palco o genio,
Venho hoje cantar.

Vem render a vassalagem,
Ó musa da poesia !
Vem render justa homenagem
Do genio á soberania !

Estas glorias mal-ganhadas,
 Estas flores desbotadas
 Debaixo dos pés eu calco:—
 A um genio rendo o meu culto;
 Este monarcha, este vulto—
 Ei-lo em pé alli no palco !

Mirai todos esta fronte
 Aonde o genio transluz,
 O manancial, a fonte,
 Que mil grandezas traduz;
 Por tão nobre enthusiasmo
 Quem se não rende de pasmo ?
 Quem não lega mil laureis ?
 E do genio-rei á imagem
 Quem não rende vassalagem ?
 Quem não vai cahir-lhe aos pés ?

Quem compr'hende *Arte* o que seja,
 Quem para isso tem jus,
 Naquella fronte reveja
 D'arte o pharol, d'arte a luz !
 Quem compr'hender, que lhe renda
 Uma homenagem, uma offrenda
 Entusiasta lhe dê !
 Que se curve a alma proterva,
 Em quanto elle se conserva,
 Como uma estatua, de pé !

Quem não salva o astro novo
 Que deslumbra, offusca a vista ? !
 Eu como filho do povo
 Adoro as glorias do artista !
 Sou tambem artista n'alma
 Á ninguem cedo esta palma

Porque vicejou no pó !
 Sim ! que a luz me maravilha
 Daquella estrella que brilha
 No mundo das artes—só !

Admiro em ti do genio,
 O florescente brasão;
 Dos artistas o convenio
 Se honra em chamar-te—irmão !
 És meu irmão, que esta chamma
 Que a mente e o peito te inflamma,
 Cá dentro a sinto tambem !
 Como irmão te conheceram
 Os artistas que nasceram
 Dos ceos brasilios alem !

Vinde todos !—dai um passo,
 Entrai p'ra este salão,
 Presenceai um abraço
 Que as artes hoje se dão !
 Eis alli o rei da festa,
 Um povo inteiro o attesta
 Das suas lendas na historia—
 Vejo as artes de mãos dadas—
 Alem das glorias ganhadas
 Ganhaste mais esta gloria !

È nova a scena:—se ergue
 Povo de artistas irmãos,
 Sam filhøs de Guttemberg
 Eis que ao genio dam as mãos;
 Este fraternal apertø
 Muito revela de certo
 Às almas que sam leaes !
 Sam dois astros que no espaço

Dam no encontro um abraço,
Sam duas artes rivaes !

Salve as artes que sam nobres,
Por que ensinou-as Deos,
Sam os auxilios dos pobres,
Sam inspirações dos ceos !
Eu que nada tenho, emtanto,
Alem d'este rude canto
Vos lego meu coração:
Não é tributo fingido,
Que eu não sou desconhecido,—
Poeta—sou vosso irmão ! . . .

J. da C. Monteiro.

AO IMMORTAL ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Á um pobre velho—social destroço,
Lhe outhorga um beijo caridoso artista,
Mostra-lhe á vida variado esboço,
Na mão depõe-lhe sua mão bemquista.

E assim unidos em fraterno enleio,
No alcaçar da arte a pobreza app'rece,
Reclina o velho a cabeça á um seio,
De gozo a lagrima pelas faces desce.

Poeta—cedo o meu culto
Ao genio de mil laureis,

Da scena ao preclaro vulto,
 Que tem o povo a seos pés,
 É mais um astro que luz
 Nas plagas da Santa Cruz;
 É mais uma alma fadada
 Á ter na vida um florão—
 Espada de Gedeão
 Transpõe a esphera encantada!

As turbas passam lhe dando
 De roseas flores um cacho,
 Mas n'aquelle olhar tão brando
 Do genio illumina o facho.
 Chamado rival de Talma
 Alcança da scena a palma,
 Tem o talento de um Kean!
 E havendo dado um abraço
 Á arte, em gigante passo
 Ei-lo ahi—é sempre assim !

Mas hoje uma nova festa
 O vem trazer ante a scena,
 Grinalda lhe cinge a testa,
 Lhe orna a fronte serena;
 Vem proteger seu irmão,
 Vem dar-lhe o roubado pão.
 Das artes no Coliseu:
 E eu poeta—me inspiro
 No rasgo do amor; desfiro
 Meu canto debil—sou eu !

A arte excita esse empenho
 Nos braços do bom artista,
 Ajuda-o á levar o lenho,
 Aperta-lhe a mão bemquista.

Unidos em estreito laço
 Dous artistas commemoram
 Das artes o doce abraço
 E ambos tambem já choram !
 Oh ! quanto é bello este aperto
 Das artes, no seu concerto !
 Oh ! quanto é forte essa fé
 Que aviva murchada crença !
 E alli n'uma salla extença,
 Eis os artistas de pé !

Desta festa eu tambem ébrio conviva,
 Ergo o meu calix—de alegrias pleno;
 Adoro as artes como adoro as lettras
 Do genio curvo-me ao menor aceno.

1859.

Muniz Tavares.

AO SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, NA ABERTURA
 DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Eia avante, Germano, caminha
 Mais um novo trophéu vem colher;
 —O teu nome aos vindouros pertence,
 No porvir ha-de sempre viver.

Qual estrella brilhante da noite
 Se vê sempre nos céus a fulgir,
 Tal será entre palmas e louros
 Tua sorte futura a sorrir.

Mas que digo ? taes louros, taes palmas,
 Que serão teus futuros trophéus,
 Já com honra os ganhaste na scena,
 Ninguem póde roubar-tos—são teus.

Como o nome de Talma nos surge,
 Entre os genios da terra a brilhar:
 Ha-de assim pela gloria guiado
 O teu nome aos vindouros passar.

Gis-Vicentes, e outros famosos,
 Que nas azas da fama são reis:
 Como tu já se ergueram gigantes,
 E inda hoje no mundo dão leis.

Eia avante, Germano, na fronte
 Mais um louro vem hoje cingir,
 Já não póde morrer o teu nome
 —Para ti já pertence o porvir !

Recife, 17 de Maio de 1850.

A. Marques Rodrigues.

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, TRIBU-
 TO DA ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA. POR
 OCCASIÃO DO BENEFICIO DA MESMA ASSOCIAÇÃO EM 21
 DE JUNHO DE 1859.

Eis-me de novo, interpretando os votos
 D'uma familia que os mysterios d'arte
 6

Compreende e traduz. Orgão singelo
 Do intimo sentir que lhe trasborda
 Do coração em fervorosa phrase,
 Cabe-me a honra de fallar por todos,
 Irmãos na crença, no viver, no encargo,
 Na doce aspiração de gloria infinda.

Perante o povo generoso e illustre
 Vem o artista humilde e dedicado
 Saudar contente o sublimado artista,
 Cujó nome o paiz repete ufano
 Nas vivas explosões do enthusiasmo.
 Mas o tributo que este irmão lhe paga
 É tão fiel, tão verdadeiro e grave,
 Que não ha expressão que o represente
 Com todo o mimo que é mister prestar-lhe.
 Ha na minha alma um soberano instincto
 Que não me é dado aniquilar, que é sancto
 E se revela no immortal transumpto
 Da gratidão que lhe realça o brilho.
 Poderei esquecel'-o? e a turba anciosa
 Dos companheiros que me são tão caros
 Me absolvêra, ao contemplar-me alheio
 Á festa que os seduz, que os embevece,
 Que lhes indica no surgir da esp'rança
 Os longes de um porvir lucido e bello ? !
 Nunca o fizera eu. Que outros s'esquivem
 Á convivencia fraternal das lettras,
 Das artes, que um só verbo pronunciam:
 Cumpre-me erguer a voz, e agora o faço,
 Aberto o peito a jubilo supremo.

Duas palavras mais. Ao povo nobre
 Um sentimento me conduz, me arrasta.
 Elle que sempre se distingue tanto

No amor que vota á classe de operarios,
 Que eu symboliso aqui, merece o affecto
 No mais extremo grau. Hoje que prompto
 Elle já volve a partilhar o gozo
 D'esta festa d'irmãos, uma homenagem
 Venho render-lhe que por todos falle.

E a ti uma oblação vívida e pura,
 A ti, GERMANO, a saudação do amigo,
 O abraço fraternal que de mim parte,
 Como seguro interprete d'aquelles,
 Aos quaes te ligas por tão doces laços.

Não tenho uma grinalda que t'off'reça,
 Nem siquer uma flor, mas sobra o impulso
 D'alma e do coração; e tu que és grande
 Bem comprehendes que perfume encerra
 O simples voto que me sae do peito
 Na voz da gratidão e d'amizade.

AO EXIMIO ACTOR O ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, CAVALHEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA; POR OCCASIÃO DO BENEFICIO QUE DEU AO ASYLO DE MENDICIDADE EM PERNAMBUCO, NO DIA 22 DE DEZEMBRO DE 1857.

A arte tambem tem seu Evangelho
 Feliz quem pode carregar-lhe a cruz.

(MENEZES DORIA.)

Além do genio que te agita n'alma
 De zona em zona á te legar renome



De acção heroica grangeaste a palma;
—Egregio feito que eternisa um nome !

Actor sublime, teo renome alcanças
Por entre abrolhos que revestem a arte,
Na tua frente mais um louro entranças,
Que brota flores em longinquas partes.

Por todo o mundo do teu nome a fama
Pasmando os povos com esplendor reluz,
A patria tua se gloria, e inflama,
Por ver-te d'arte carregando a cruz.

Morrer não podes que não morre o genio
Quando na terra completou seu fado;
Chegar podeste ao eternal proscenio,
Teo nome aos seculos passará lembrado.

Da scena sabes espargir delicias
A' classe pobre que mendiga o pão
Gozando sabes tambem dar caricias,
Porque no genio jamais há ambição.

Avante, avante, teo futuro é nobre
Actor sublime, bemfeitor, e amigo,
Te adora o rico, te venera o pobre,
Que ao pobre afflicto vais levar abrigo.

Eu que teo genio de assombroso pasmo,
Sincero venho, bem-dizer-te a mão !
Finem-se embora de venal marasmo
Torpes, avaros ante o teo brazão.

Só na arte eu vejo a verdadeira gloria !
Caminha, avante, teo porvir é bello

Teo nome unido viverá na historia
Aos grandes nomes por doirados ellos.

AO ILLUSTRADO ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA
NO DIA DA ABERTURA DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Eis um dia feliz já Pernambuco
Apresenta ao Brazil um bom Theatro
Edificio pomposo que condiz
Com a riqueza, esplendor que hoje destingue
A classe de Familias sublimadas—
Que compõe este povo illustre, e nobre:
Sobre a scena veremos, bem distinctos
Os feitos dos Heróes antepassados
Que outr'ora no Recife resultos
O perigo afrontarão sem receio—
Salvando a Patria defendendo a lei,
O Throno sustentando em que bazêa
No Brio da Nação—nossa fortuna:—
Parabens eu te dou Sublime Artista
Da affeição que moveste ao Povo inteiro
Da nobre Capital que hoje residio
Da Provincia do norte a mais brilhante,
Onde impera o valor; o gosto, o genio!
Tu na scena extasias com primor!
Tu sabes imitando a natureza
Mais ao vivo pintar do que a leitura,
Os actos que abrilhantão nossa historia!

Tu entras por arcanos e revocas,
 D'entre o pó, d'entre a cinza, e d'entre, o nada,
Ao seculo vivente, eras passadas,
 Na Tragedia valente que recorda
 Os actos do valor d'homens briosos
 Que souberão por gloria, e por costume
 A morte preferir a ser covardes:—
 Aqui se representa a vida illustre
 Do homem philantropo que cingido
 As leis de humanidade, as leis de Deos
 A norma de moral dictou ao mundo
 Os extremos de amor seguio mostrando
 Quanto póde o amor num peito livre
 Quanto póde a belleza aos olhos ternos
 Do poeta infeliz apaixonado,
 Na lyra a descorrer com melodia,
 Ou com versos pomposos decantando
 Excelsa gloria de valor subido
 Aqui bem poderemos memorar,
 Henrique, Camarão, Negreiro, e outros,
 Que da Patria o Amor mostrar soberão
 Preferindo morrer em continente
 Deixando a sua terra independente.

Pernambuco, 15 de Maio de 1850.

Prospero Diniz.

ADEOS AO DISTINCTO ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Se Rubens, Raphael, Murillo e outros
 Inspirados do Céu, genios fecundos

Seus magicos pinceis ennobrecêrão:
 Se dos seus preciosos, bellos quadros,
 As esmeradas, imitantes copias,
 Attestados fieis são de sublime,
 Artistico primor, da gloria sua:
 Tu, artista qual és, teu nome exaltas;
 Chamma divina tua mente abrasa:
 Fadou-te o Céu tambem fecundo genio,
 Pintor eximio das paixões humanas,
 A copia viva dos affectos d'alma;
 E de ti, grande actor, que tens guardados
 Immensos cabedaes nos cofres d'arte,
 De ti, de quanto vales, não se esquece
 Este povo de irmãos, povo de amigos !

Que mais desejas pois ? . . . Fallas da gloria ? . . .
 Essa de ha muito que ganhar soubeste.
 Ah ! duvidas talvez ? Melhor ainda:
 É que do impuro, mal cheiroso incenso
 Da baixa e vil lisonja, te arreceias . . .
 Sim ! que o brilho da gloria é tortuoso
 E cercado de occultos precipicios,
 E o fumo dessa droga assim queimada
 Apaga ao caminhante a incauta vista.

Esforçado e modesto apost'lo d'arte !
 Amanhã . . . amanhã . . . não mais comnosco,
 E sobre as salsas ondas bem distante ! . . .
 Hoje, em scena, entre nós, colhendo applausos;
 Amanhã . . . amanhã . . . tristes saudades !

Propicio norte, bonançosos ventos
 Te condução feliz a porto amigo !
 Acompanhe-te o Céu ! Boa viagem !

AO INSIGNE ACTOR, O ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA,

SAUDAÇÃO POETICA.

Homenagem ao merito.

Irmãs, e não rivaes, as artes bellas
 Apertem mais e mais seus mutuos laços:
 Sua origem commum, seus fins os mesmos,
 Impõem-lhes lei de amar-se, unir esforços,
 Umás ás outras realçar o incanto.

CASTILHO.—ESCAVAÇÕES POETICAS.

Epistola a Sendim.

Desde o surgir dos seculos primeiros
 Foi dado ao vate consagrar na lyra
 Singelas oblações, tributo ingenuo,
 Grata linguagem do prazer, do incanto.
 Aos filhos d'arte, aos fervidos cultores,
 Lei sublime firmou doce existencia,
 Mutuo viver de entusiasmo e gozos:
 A suave harmonia que os enlaça
 Troca seus brincos, seu folgar perenne,
 E dispõe festival sociedade,
 Que muito além dos tempos se dilata.
 Saúda o artista, dedicando um voto
 Ao caro irmão, ao delicado artista,
 Que os mysterios da varia fantasia
 Presto conhece, e corresponde attento
 Aos suspiros de amor c'um meigo riso.
 Quem lhes póde vedar esse consorcio
 Do puro coração? quem lhes prohibe
 Intimo amplexo do sentir profundo,
 Que os estreita, que os liga eternamente,
 Que os recompensa com os florões da gloria?

O mimoso pintor, formando os quadros,
 Traçando as côres, o matiz brilhante,
 Grava na téla maga poesia,
 Que o bardo entende; mysterioso canto
 Ergue o poeta, inspiração divina,
 Graciosa pintura que não morre:
 Ambos vivem na terra, desenhando
 Sentimentos, paixões, rendendo cultos.
 Á natureza nos paineis luxosos.
 São assim os artistas.—E quem ousa
 Dizer ao vate que não teça um hymno
 Ao magestoso actor, ao que na scena
 Encanta, enleva, enthusiasma, arrôba,
 Moldando a voz, a posição, o gesto
 D'alma aos segredos que só d'alma brotam?
 Não é d'arte cultor esse que arrastra
 Sombras, espectros, pavorosos vultos,
 Que delira, que geme, que soluça,
 Que ri de amor, que folga de alegria,
 Que a raiva exprime, o desespero, as ancias,
 O infernal ciume, a crueldade,
 O atroz martyrio, soffrimento acerbo?
 Não é d'arte cultor esse que arroja
 Do combatente a espada tinta em sangue,
 E surgindo no palco se corôa
 Dos loiros da victoria? Não merece
 Nome de artista quem na scena ufano
 Pinta os contrastes, pinta os movimentos
 Da natureza nos fieis transportes?
 Eu não temo affirmal-'o; e a musa humilde
 Seu nome eleva porque vê que é digno.

Eis, ó Germano, porque eu venho agora
 Dar-te na lyra candida homenagem
 Da sincera affeição que a ti me prende:
 Eis porque, sem usar de phrase torpe

Da abjecta lisonja que detesto,
 Venho off'recer-te generoso canto,
 Prova singela de que sei prezar-te,
 —Oblação a teu merito subido.—
 És um actor, e basta.—Quantas vezes
 Doce emoção no peito me despertas!
 Quantas vezes o pranto copioso
 Me inunda as faces, ou prazer suave
 Pula no coração arrebatado,
 Que ao som de tua voz prompto palpita!
 Espontaneo sentir então me assalta,
 E, cheio de alegria ou de tristeza,
 Sae dos meus labios a expressão singela,
 O vivo applauso, que encobrir não devo.
 Desde o primeiro instante em que meus olhos
 Se fitaram em ti, pisando o palco,
 Pude entrever um sublimado artista,
 Um grande actor, e conheci teu genio.
 Inda joven, na flor da mocidade,
 Muito promettes: o estudo, a escola,
 A firme applicação que te dirige,
 Dão-te um lugar distincto entre os cultores
 D'arte difficil que sem custo segues.
 Não é teu nome o nome que se suma,
 Sem estrondo, no pó do esquecimento:
 Honrosa profissão que tanto elevas
 É digna de ti, podes afouto
 Seguil-'a sempre, que o porvir te aponta.

Se a facil expressão, a voz sonora,
 A presença garbosa, o vivo gesto,
 As bellas posições, são qualidades,
 Que o merito do actor muito engrandecem,
 Tenho razão, o artista que decanto
 É credor dos maiores elogios.

Eu vate que prescruto a natureza
No immenso imaginar, eu que não posso
Negar tributo ao verdadeiro genio,
Cumpro a lei que me impoz dever sagrado,
Pago um voto, não minto, não me illudo.
Inda me lembro dessa bella noite,
Quando a primeira vez extasiado
Te vi na scena patria.—Alto silencio
Reinava então: attentos se apinhavam
Os que vinham gozar novo espectaculo;
Pleno concurso denotava o empenho,
A anciedade que existia em todos.
Era esse drama de *Arago* sublime,
Que descreve a loucura de um mancebo,
Do infeliz *André*. Subito espanto,
Geral consternação, terror e susto,
Calaram n'alma. Quem diria, ao menos,
Que nesse instante não brilhou o artista,
Como um triumpho sobre a scena patria?
Quando, curvado ao peso do destino,
Surgiu no palco o filho obediente,
Que o insigne Germano figurava,
Quem não viu no semblante macilento
Impressa a pallidez, o desatino,
A demencia completa, a enfermidade,
Que lhe apagára da rasão o lume?
Olhar sombrio, incerto e vacillante,
Desgrenhado cabello, a tez perdida,
O cansaço, a fadiga, o desalento,
O suor copioso, a afflicção d'alma,
Tudo indicava do infeliz a triste,
Cruel situação: profunda magoa
Que o peito punge cedo se reflecte
Em cada traço do alterado rosto:
Riso do inferno lhe roçára os labios,

E quando afflicto, os olhos envesgando,
 Alheio ao mundo, trepido, convulso,
 Despediu a tremenda gargalhada,
 Quem deixou de chorar? quem uma lagrima,
 Por certo, não verteu? *André*, Germano,
 Era um só homem; o actor e o joven,
 Que elle pintava, então se confundiram.
 O riso da desgraça e da loucura,
 O pranto, o delirar, suspiros, queixas,
 Inteira confusão, total contraste,
 Opposição de idéas, mescla horrivel
 De sentimentos, inda hoje assomam
 Á fantasia, quando acaso os volvo.
 Então eu conhêci quanto era grande
 Em seus effeitos o poder dess'arte,
 Que da existencia reproduz as phases,
 E do homem a vida representa.

Ainda hoje, quando o mesmo quadro
 Ante os meus olhos vem offerecer-se;
 Quando vejo na scena repetido
 Aquelle drama que seduz, que move
 Com tam vivo pungir, sinto no peito
 Dolorosa impressão, e atroz successo
 Renasce na lembrança, como o typo
 Da desventura na primeira idade.
 Quem ha que possa recusar encomios
 Ao insigne Germano, ao nobre artista,
 Filho da Patria, que na Patria vive,
 Manifestando o merito eminente
 Na profissão distincta que abraçára?
 Quem lhe pôde negar solemne applauso,
 Solemne approvação, quando observa
 Nos seus gestos o interno sentimento,
 Na sua voz, no declamar tam proprio,

Nas transições, nas rapidas mudanças,
 Na expressão das paixões e dos affectos,
 No rir, no entristecer, no tom variado
 Com que descreve as intimas idéas?

Aqui um grande heróe elle figura,
 Prototypo de amor, de lealdade,
 Que, affeito á crença de passadas eras,
 Não murcha o brio, não desmente o nome
 De cavalleiro audaz e generoso:
 É *Mendo Vasques*, portuguez honrado,
 Indefesso nas lides, *pagem* nobre
 De *Aljubarrota*, que ao valor dá tregoa,
 Para curvar-se á lei do seu destino,
 E cumprir um dever que ella prescreve.
 É o actor a imagem do guerreiro;
 E se esse do tumulo surgira,
 Imaginára ver copia segura
 No guerreiro da scena que o retrata.
 Alli o vejo fatigado, oppresso
 De ciume, seu custo desenhando
O esposo de Leonor, que, longe della
 Prezo na Barbaria, se deslembra
 Dos seus votos, e immola uma innocente
 Ao seu amor; e que, voltando á patria,
 Enfurecido, ao pelago se arroja
 Da desesperação que o dilacera.
 A raiva intensa, o grito da vingança,
 O rancor, o delirio, expressões fortes
 Mostram Germano imitador exacto
 Dos vivos caracteres que se estampam
 N'aquelle original. Quem, se o contempla,
 Não dirá: Eis alli fiel transumpto
 « *Do Captivo de Fez?* » — Já de outro lado
 Vejo o actor na pompa, na opulencia,

Expressando a altivez, o orgulho, a cólera
 De *Pedro-sem* que da virtude zomba;
 E depois mergulhado na miseria
 Sofrer humilde os transeos d'amargura,
 Que despedaça o coração d'esse homem,
 Quanta belleza no painel sombrio,
 Que ante os meus olhos o actor presenta !
 Quanto brilho nos traços tam diversos
 D'essa existencia que se esvae no leito
 Do longo padecer ! Quem não descobre
 Estreita ligação entre os dois vultos,
 O que é copiado, e o que copia ?
 Zeloso *Othelo* agora me apparece,
 Amante desesp'rado que não teme
 Ceder ao peso do atroz ciume:
 O denodado *mouro* de Veneza,
 Escravo da paixão, cravando o ferro
 No coração da candida *Edelmonda*,
 Provando a morte que lhe off'rece o crime,
 A perfida de Pézaro insolente,
 Pelo actor é tambem representado,
 Que mais parece natural impulso,
 Que longo esforço da arte poderosa.
 Ora diviso do infeliz poeta,
 D'esse *Antonio José*, genio da Patria,
 A dor anciada, o barbaro tormento,
 Quando, entregue á carocha, ao sambenito,
 Sóbe a fogueira, o mundo abandonando,
 E victima do horrendo fanatismo
 Encontra a morte nas vorazes chammas.
 Ora se me afigura ver o vate,
 Gloria de Lysia, trovador famoso
 Dos amores da bella Catharina,
 O divino *Camões* que se engrinalda,
 Que se corôa com o laurel brilhante,

Mimoso premio das gentis piérides.
Quantos quadros o artista não desenha,
O extatico actor, se nos descreve
Traço por traço a vida procellosa
Do vate que suspira desditoso,
E pela mesma patria desprezado,
Que elle tanto engrandece ! Amor sem termo,
Excessiva paixão, canções tam lindas,
Tam lindos versos, que na lyra sôam
Do enamorado genio, volvem puros
No digno Germano que os exprime.
Quando após o naufragio, sequioso
Busca o solo da patria, e vem coberto
Dos florões da victoria que brilhára
D’Africa ao sol, nos campos do Oriente,
Quem não divulga o infortunado amante,
Louco, sem tino, exp’rimentando a sorte
No seu triste viver ? Quem não lhe escuta
Sentidos ais, o suspirar queixoso,
Que juncto do seu Jáu, fiel amigo,
Á custo exhala ? Quem não vê o illustre
Cantor da Lusitania, curvo ao peso
Da indigencia, pedindo á terra ingrata
O pão tardio que lhe aplaque a fome,
E finir-se depois na rude enxerga,
Como o proscripto, sem que a voz maviosa
Da saudade na campa lhe retumbe?! . . .
Oh ! quem póde conter a magoa, o pranto,
Vendo o actor, o artista consummado,
Que tambem da poesia segue os vôos,
Exprimindo as paixões tumultuosas,
Que n’alma de poeta se encadêam ? !
Se vejo *Samuel*, quem me dissipa
Aos olhos a illusão ? Alma que sente,
Espirito que vóa sobre as azas

Do amor e da fé, peito que exulta
 Em viva commoção, tudo renasce
 Em Germano que lucta valeroso
 Na torrente dos males que o perseguem:
 —*Renegado* que vive para os votos
 Da sã religião, de novo assoma,
 Dando á virgem christã de esposo a dextra,
 E punindo com pena rigorosa
 O seu rival, o impio *Renegado*. —

E que posso eu dizer que mais exprima
 O que sinto, o que penso, quando surge
 Na scena o grande actor? Ha'hi quem ouse
 Recusar ao artista uma grinalda,
 Uma capella de mimosas flores,
 Quando o vê magestoso debuxando
 As tragicas paixões, ou na comedia
 Excitando a alegria que produzem
 As facecias, os ditos graciosos?
 E porque não darei pleno tributo
 Da minha admiração, do meu respeito,
 A quem tanto merece? Não me esquivo;
 Nem me confundo no tropel dos zoilos,
 Que se rojam no pó, mesquinhos vermes,
 Da natureza producções disformes.

Eis, ó Germano, de minh'alma os puros,
 Sinceros sentimentos. Não supponhas
 Que eu viole os preceitos da verdade.
 Até hoje da lyra sonora
 Inda não profanei sacros mysterios,
 Nem mancharei jámais o dom das musas.
 No vil emprego da fallaz lisonja.
 Quando te louvo, quando te consagro
 Meus versos, um tributo não suspeito.

Pago ao talento, ao merito elevado.
 Não me envergonho de saudar contente
 Ao filho d'arte primoroso, egregio,
 Pois tambem sou artista, e só costume
 A linguagem fallar da consciencia.

Recebe esta oblação, recebe o feudo,
 Que vou pagar-te, cheio de candura:
 É do cantor a simples homenagem,
 Filha do coração que é sem refólho.
 Avante, na carreira gloriosa
 Que tens trilhado. A Patria te saúda,
 Espera-te o porvir que te pertence,
 E o vate amigo, a lyra dedilhando,
 Eterniza teu nome nos seus versos.

A. R. de Torres Bandeira.

SONETO

OFFERECIDO AO INSIGNEACTOR BRASILEIRO GERMANO FRAN-
 CISCO D'OLIVEIRA, NO DIA 4 DE FEVEREIRO DE 1849.

Vezez oito aqui tens, astro da Scena,
 Penhorado attenções, prendido olhares:
 Quem na scena te vê, não tem pezares,
 Não tem mágoas, nem dôr, nem ais, nem pena.

Em bem fadada hora, em hora amena,
 Nossa estrella feliz por sobre os mares
 Aqui te conduzio para nos dáres
 Alegria do ceo, pura e serena.



Nossos votos recebe pois ufano;
 Votos do coração, que prasenteira
 Te off'rece a nossa alma sem engano,

Do vate a profecia é verdadeira;
 Vae contente—que o nome de Germano,
 Eterno ficará na Cachoeira.

José Filinto da Rocha.

AO EXIMIO ARTISTA GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, POR
 OCCASIÃO DA SUA CHEGADA Á PERNAMBUCO.

E tambem me acompanha inda a saudade
 Do povo que me aguarda em Pernambuco,
 GERMANO F. D'OLIVEIRA.

Ei-lo ! chegou ! Bemvindo ás plagas nossas;
 Que mil louros te esperam ! Ancioso,
 Artista, te esperava um povo inteiro !
 Fugiste de entre nós, assignalando
 Com traços bem vivazes os lugares
 Onde pisou teu pé. Em Guanabara
 Ganhaste mil trophéos. Na terra tua
 Foste chamado rei da scena nossa !
 Uma c'róa te deram—bem mesquinha
 P'ra pagar dignamente teus esforços !
 Fasmaste um povo inteiro, que mais queres ?
 Eis, chegaste entre nós. Ouves ? Mil bravos
 Estrepitosos soam em teus louvores !
 Aguia gigante da brasilia scena
 Que devassas o globo, altiva sempre !
 Nada mais p'ra louvar-te dizer posso

À quem te ouvir na scena, traduzindo
 Accções pasmosas d'enredados feitos !
 Sensiveis almas commovidas gemem
 Te ouvindo commovido; eis que despertas
 Dos labios—*bravos*—d'espontaneo pasmo !
 És genio ! á quem tocou da divindade
 Vivaz parcella de scentelha fulgida !
 És genio ! Bem o dizem tuas glorias !
 És genio ! Eis que repetem os filhos todos
 D'uma nação inteira.—És genio, és genio !
 Alem de tantas glorias que alcançaste
 No brasileiro solo um povo estranho
 Tambem já te applaudio. Um povo estranho
 Já te chamou irmão. Irmão, que um genio
 Qual tu és tem por patria o mundo inteiro !
 Bemvindo sejas, que por ti saudoso
 Gemia Pernambuco, mas agora
 De entusiasmo cheio exulta, exclama:—
 Ei-lo ! Chegou ! Bemvindo ás plagas nossas ! . . .

J. da C. Monteiro.

Recife 25 de Fevereiro de 1858.

AO INSIGNE ARTISTA DRAMATICO GERMANO FRANCISCO DE
 OLIVEIRA REPRESENTANDO NO DRAMA—LUIZ DE CAMÕES.

SONETO.

Só fôra de Camões o estro ardente
 Vero cantor das emoções que excitas;
 De Camões immortal, cujas desditas
 Rememoras no palco vivamente;

Camões, que viu trocadas de repente
 Por ternas affeições mágoas afflictas;
 Camões, morto de angustias infinitas,
 Pela sorte da patria descontente.

Baldada aspiração ! . . . Da ingente lyra
 Apenas nos repete a lusa historia
 Os cantos divinaes que desferira.

Porém saiba o universo, p'ra memoria,
 Que, se n'alma do actor Camões respira,
 Como teve Camões, o actor tem gloria !

SONETO

AO NOSSO QUERIDO E DISTINCTO ACTOR GERMANO FRANCISCO
 DE OLIVEIRA; POR OCCASIÃO DE SUA ESTRÉA NO THEATRO
 DE S. JANUARIO EM FAVOR DAS FAMILIAS INDIGENTES VI-
 CTIMAS DA FEBRE AMARELLA EM LISBOA.

Tu és mais que meu rei, tu és meu Nume.

(F. M. BARRETO.)

Si o Genio perennal d'immensa gloria
 Te avistasse no palco prasenteiro,
 Ao filho magestoso do Cruzeiro,
 O tempo mostraria da Memoria !

E nas paginas depois da nossa historia
 Escrevendo o teu nome Brasileiro,
 Ufano de fazel-o mui fagueiro,
 Dos Zoilos puniria a vil escoria.

Mandaria que a sorte si curvasse,

Que a fama te offertasse seus thesouros,
Que a gloria a ti mesmo venerasse.

Que dos mesmos christãos passasse aos mouros,
Que o mundo reverente te adorasse
Que a fronte te cingissem verdes louros ! . . .

AO INSIGNE ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA
IMPERIAL ORDEM DA ROZA, POR OCCASIÃO DA SUA ULTIMA REPRESENTAÇÃO NO THEATRO DE S. JANUARIO, ANTES DE RETIRAR-SE PARA A
PROVINCIA DE PERNAMBUCO.

Soneto.

Se o sol resplandecente espanca a treva
De triste, hórrida noite tormentosa;
Se a vibora do mal com sanha irosa
De feroz aggressão se nutre e ceva:

O merito opprimido mais se eleva,
Brilha o genio com luz mais radiosa;
Uma alma grande, firme e generosa
Somente puras intenções releva.

E tu, que has feito ver que nada vence
A nobre esforço, prestimoso e lhano,
Avante pois ! O resto a Deos pertence.

Aches, Artista, placido oceano !
Não olvides o povo fluminense
Pelo povo leal pernambucano !

* * *

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1859.

AO DISTINCTO ACTOR BRASILEIRO, O ILLM. SNR. GERMANO
FRANCISCO DE OLIVEIRA, POR OCCASIÃO DO BENEFICIO
CONCEDIDO Á ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA,
EM 8 DE ABRIL DE 1858.

Quanto é doce a união que prende as artes !
Filhas sublimes de um principio santo,
Oriundas do amor que o *bello* esmalta
Da creação nos quadros magestosos,
Ellas se abraçam fervidas, constantes,
E s'encaminham rapidas na senda
Do progresso e da luz, que se dirige
Á essa vida ideal que o mundo enleia.
Por toda a parte desabrocham flores
Ao sorrir da existencia incantadora.
Que essa harmonia reproduz formosa,
E os thesouros da vasta natureza
Abrem-se então aos improbos esforços
Do cultor que lhes vai sondar o arcano.

D'esta idéa immortal arrebatado,
Bebendo a inspiração no genio ardente,
Que te realça o espirito fecundo,
Hoje tu vens, Germano, pressuroso
Dar uma prova de que bem conheces
O segredo das artes que s'enlaçam
N'um pensamento d'affeição eterna.
Não te é bastante o conseguir triumphos
No longo estadio d'arte que percorres:
Não te bastam laureis, ganhos n'arena,
Onde muitos succumbem, invejosos
Dos alheios tropheus: actor insigne,
Queres á gloria, que o teu nome eleva,
Mais um titulo junctar. Como s'estreitam
As relações tam fraternas, tam caras,

Entre os órgãos fieis d'artes diff'rentes,
 Que, não sendo rivaes, diversos campos
 Teem a lavrar sollicitas?!—Que importa?—
 Essa augusta aliança que as sustenta
 Falla tam alto que não ha quem possa
 Despedaçar-lhe a base em que se firma.
 Tu a comprehendeste, sim, tu que sincero
 Vens off'recer aos teus irmãos o auxilio
 Do amplo talento que o porvir te aponta
 Esplendido e loução: tu vens de novo
 Fortificar essa adhesão ditosa,
 Que interpretes do grande Gutemberg
 Folgam de consagrar aos que na scena
 São como tu legitimos herdeiros
 Da fama de Lemaitre inextinguivel.

Eis, ó Germano, o cordeal tributo
 D' affecto e gratidão que te rendemos:
 Tam espontaneos, tam singelos votos
 Não se modelam pela vã linguagem
 Da lisonja fallaz! Nunca se aviltam
 Expressões que do merito distincto
 Sabem somente demonstrar o apreço.
 —Que o Céu te guie sempre abençoado
 Na carreira da gloria, e que teu nome,
 Nome de artista insigne e prestante,
 Passe querido aos seculos vindouros!

A. R. de Torres Bandeira.

Recife, 8 de Abril de 1858.

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Soneto.

Germano, o nome teu faz tua gloria,
 Teu nome no Brasil já celebrado:
 Como aurora que surge em céu dourado,
 Na scena brilhas, brilharás na historia.

Dos fôfos charlataens da vil escoria
 Suffoca o grito infrene, o rouco brado:
 Na scena tens um throno abrilhantado,
 Um sceptro tens no templo da memoria.

Avante ! avante ! oh ! astro protector !
 Artista transcendente, heróe sem par,
 Do theatro, feliz restaurador.

Avante ! avante ! oh ! genio singular !
 Da natureza eximio imitador,
 Da scena brilho e anjo tutelar.

Manoel Rodrigues do Passo.

CANTO

AO ILLM. SR. CAVALLEIRO GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.

«—Vinde, oh vates ! !
 « Vinde, oh ! Genios, honrar a Terra nossa ! ! !
 « Fuja a discordia e odio; de nós fuja
 « Essa inveja mordaz, que tudo estraga,
 « Essa inveja que róe, não edifica;
 « Essa inveja que impede que se louve
 « O MERITO E A VIRTUDE ! ! !

Deixa, oh Santa Verdade, os Céos immensos,

Vem afinar-me a Lyra,
 Que a dextra que jamais queimara insensos
 Nas aras da mentira,
 Não póde desta sorte acostumada
 Extrahir doce voz harmoniosa
 Da Lyra desditosa,
 Que pela tua mão não for tocada.

.....
 Os olhos de chorar, quasi sem lume
 Ao amplo solo seu dirige afflicta:
 Contempla os edificios que a circumdão
 O theatro observa onde o renome,
 Do Tragico FLORINDO retumbava,
 E do novo Athleta vendo a Fama,
 Lagrimas novas soluçando verte,
 Filhas da dôr pungente que lhe causa
 A saudade daquelle que a não via.

Cansada de gemer, e sempre afflicta
 Por desgostos asperrimos: pungida
 Em tristonho silencio definhava
 Quando a sorte sensivel á seus males
 O desprazer lhe muda em gosos novos.

O GENIO cuja ausencia lamentava,
 Surge entre nós, de novo annunciando
 Ao povo as scenas que praser lhe davão,
 Infundindo-lhe santo enthusiasmo.

Nova tarefa inceta o Genio raro
 Arrancando das ruinas esse palco,
 Onde mil louros recebera ufano,
 «De VOLTAIRE, de GARRRT, e de RACINE
 «E MOLIERE á fama como dantes
 MELPOMENE outra vez exalta a scena.

«Eil-o de novo sobre a arena augusta
 «Onde pasmados lá do Etereo Assento
 Os ACTORES MAIORES E CONTEMPLÃO
 Das fronte as verbanas arrancando.

Eil-o em scenas de amor gerando amores,
 «Em scenas de alegria a dar praseres
 «Pranto excitando em scenas de tristezas,
 Furioso, furores defundindo,
 Pacifico, de paz filtrando as almas
 Já vencedor grande, misero vencido
 «Soldado, general, pastor sob'rano,
 «Deos, ou demonio, féra ou cordeirinho,
 E sempre grande sempre admiravel !!
 «Em que tempo TALMÁ FOI TÃO SUBLIME ? !

Vai: e quando enfurecido,
 O mar as ondas erguer,
 Ergue um canto enternecido;
 E o mar, sem se mover,
 Desejando admirar-te,
 Sumirá para escutar-te
 Nos abysmos o furor;
 E este feito sem segundo
 Soará por todo o mundo
Na lyra do Trovador.

.....
 Parti...Parti...Que o Céu propicio seja
 Ao teu futuro que sorri de glorias !...
 Jamais sofre o aquillão...jamais se offusque
 O brilhante pharol, que hade mostrar-te
 A altiva Olinda, do soberbo Lameirão

.....
 Parti...e que o oceano sempre calmo
 O lenho em possuir, onde estiveres,
 Orgulhoso se ostente, abrindo estrada

Á sua bem feliz velocidade !
 Parti . . . Parti . . . E a briza assaz fagueira,
 As vellas enfunando dessa quina,
 Que em torno de ti sempre bafeje ! . . .
 Mas ah ! se acaso escuta-me as pungentes
 Sensações que me opprime peito calma,
 Não prolongues demora nessa ausencia !
 Voltai de novo áquelles, de quem levas
 Sympathicas affeições, grata amizade ! . . .
 Retrocedei de novo ao teus amigos
 Que curtindo a saudade hão de constantes
 Pedir ao Céu adita, a f'licidade
 De breve te abraçarem te pedindo
 Que não mais de seus braços te separar ! . . .

.....
 Saudamos, a dicta do Bardo que aspira

As cordas da lyra

Sonora vibrar,

Em honra daquelle que muito merece
 E a Scena conhece
 No seu recordar !
 Oh ! GERMANO hoje que cinges a corôa,
 Que tanto te convinha,
 Perdoa voz que sôa
 Tão mal em teu louvor ! A audacia minha
 É só nascida do desejo ardente
 Que tenho de louvar teu nome ingente !

SONETO

DEDICADO AO ARTISTA GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, DIGNO EMPRE-
 ZARIO DO THEATRO SAM LUIZ DO MARANHÃO, NA NOITE DO SEU BE-
 NEFICIO, EM 13 DE JULHO DE 1854.

Deo-te a natura um genio portentoso,

De viva inspiração fez-te presente;
 Na tragedia, comedia és igualmente,
 Ó GERMANO feliz, maravilhoso !

Deixa fallar o perfido invejoso
 Mentidas expressões, qu'elle não sente;
 Se mediocre te chama, diz-lhe—mente—
 Outr'ora em scena t'applaudio gostoso !

O genio altivo que te deu Natura
 Ha de viver na sacra eternidade,
 Encerrado não fica em sepultura.

É esse genio dom da Divindade,
 Inda vela por ti, por ti só cura,
 Teu nome vivirá em toda idade !

AO SUBLIME ARTISTA

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, NA NOITE DO SEU BENEFICIO.

Saúdo o genio da scena,
 O insigne Germano,
 Que intrepido e soberano
 Colhe os louros da victoria;
 Saúdo o heroe decantado,
 O artista sublimado,
 Cujó nome está gravado
 Em aureas lettras na historia !

Ei-lo de fronte elevada,

A dominar este povo
 Que lhe offerece de novo
 Novas c'róas e laureis !
 Ei-lo, nobre, magestoso,
 Qual monarcha imperioso
 Que contempla poderoso
 A multidão a seus pés !

Aceita, oh genio da scena,
 Aceita a ovação sincera
 D'um povo que te venera,
 Que diz teu nome com pasmo !
 Aceita meu pobre canto,
 Sem belleza, sem encanto,
 Nascido d'alma no entanto,
 N'est'hora de enthusiasmo !

Java.

SONETO

AO ILLM. SR.

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

De Melpomene, e Thalia as nobres gallas,
 Por seres Rei da scena, assaz te cobrem !
 Teu Merito affamado bem descobrem
 De Talmá nos sallões egregias fallas !

Com teu porte o olhar tu avassallas
 Corações, que, em ver-te, se ennobrem;
 Pois que as tuas acções jamais encobrem

Meritos com que GERMANO te assignallas !

No Maranhense Palco o teu talento,
Prudencia, Imagem, Discripção, Saber,
De olhos e ouvidos foi grande alimento !

Saudoso vaes partir !... e assim descer
À Plaga Maranhense grão tormento !...
Qual seja o chamar-te, e te não ver !

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Salve ! Templo refulgente,
Das sabias Divas morada !..
Salve ! Tragica Melpóm'ne,
Que hoje exultas honrada !..

E tu, cuja fronte as Musas
De louros te vão cingindo,
GERMANO EGREGIO, entre nós
De novo sejas bem vindo !..

No Drama infausto de IGNEZ,
Do seu PRINCIPE os amores
Hoje na Scena avivaste
Com as mais sensiveis cores !..

Teu nome luzindo ha muito
Entre os Mestres da tua Arte,
Os laureis que já te illustrão
Não podem Zoilos roubar-te !..

No turbilhão dos applausos,
 Recebe a pura Ovação,
 Que Amigos teus, e Patricios
 Te offertão do coração !..

Proseguindo no caminho
 Para o Templo da Memoria,
 Entre nós deixa teu nome
 Em padrões d'eterna gloria !...

J. A. P.

Maranhão, 20 de Janeiro de 1853.

SONETO.

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.

Possa eu de contento arrebatado
 Erguer a fraca voz, tomar a lyra,
 E a Deusa de Thalia as cordas fira,
 Para que seja Germano decantado.

No Palco onde tanto tens brilhado,
 O Povo Maranhense te admira:
 O teu grande saber só pasmo inspira,
 E mereces com jus ser premiado.

Dos actores do Brasil és o primeiro;
 A Fama o teu nome entoará,
 Para que possa correr o mundo inteiro.

Mas quem tanto praser espalhará ?
 Germano—que em vinte de Janeiro,
 A corôa de triumpho colherá.

SONETO

AO EXIMIO ACTOR

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

És Genio-Rei, Artista sublimado,
És o Numem do palco brasileiro,
És insigne Actor, és o primeiro
Que mais louros no mundo ha conquistado.

Teu merito ha de ser sempre incensado !
Tua fama voará ao mundo inteiro;
E teu nome, ó illustre cavalheiro,
Com respeito será sempre lembrado.

Avante, pois, ó genio portentoso,
Ennobrece ainda mais tua carreira;
Sê grande, sê feliz, sê magestoso,

Que nas paginas da historia brazileira
Hão de inscrever o nome glorioso
De GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Ricardo Francisco da Silva.

AO ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

POR OCCASIAÕ DO BENEFICIO QUE CONCEDEO

A ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA.

EM OBSEQUIO AOS SENHORES TYPOGRAPHOS.

..... Quem sente
Tem na arte—e só nella—o amor!

PALMEIRIM.

A arte faz da vida um paraizo.

A. P. CALDAS.

A arte é um élo que encadeia os povos,
Fulgida estrella que illumina a terra;
È a mãe do genio, do progresso a fonte,
Amor e gloria no seu seio encerra.

Vêde, só a arte suspendeu a ira
Desses tyrannos que invadiram Roma:
Feliz daquelle que lhe offerece a vida,
E a cruz pesada nos seus hombros toma.

A arte é a vida do universo inteiro,
A luz sagrada que nos guia á gloria,
Quem sente, á arte não lhe nega os cantos,
Só n'arte firma-se immortal memoria.

Não sou o primeiro que desprendo um canto
Louvores á arte, com o electrismo n'alma.
A arte adoro, que me creio artista
Dessa que a Tasso consagrou uma palma.

Hoje que escuto o estrondar de applausos,
Louvando o artista que soccorre o irmão;
Que d'entre os cardos da espinhosa trilha,
Jamais se esquiva de estender-lhe a mão;

Hoje que as turbas com febril delirio
Louvam, Germano, tua nobre acção,
Vendo tão junto aos laureis do palco
Da caridade o immortal florão;

Não posso as cordas de minha harpa, humilde,
Deixar que fiquem no silencio, não !
Que adoro a arte, e a caridade adoro,
E amo o artista, porque o creio irmão.

És um artista que a missão compr'hende:
Teu nome a Fama repercute além !
Os teus triumphos immoldura o oiro,
Quem tuas glorias olvidou ? ninguem.

Nesses que cheios de prazer, de gloria,
Apertam-te hoje, cordiaes, a mão;
Será eterna a gratidão, que o juro,
Teu nome eterno, que sinceros são !

E eu que sinto neste peito a fibra
Desperta ás vozes de louvores tantos
Supplico humilde que á grinalda d'oiro,
De tantas glorias, ajunteis meus cantos.

E que este bardo, cuja mente aclara
Um raio debil de sciencia, e escasso,
Te possa ousado dedicar sorrindo
De irmão e artista um cordial abraço.

Não posso as cordas de minha harpa rude
Deixar que fiquem no silencio, não;
Que adoro a arte quando lhe orna a fronte
Da caridade o immortal florão.

8 d'Abril, 1858.

Marinho Palhares.



O HONROSO ATTESTADO QUE VAE PUBLICADO, FALLA MUITO EM PROL DO SNR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

«O Sr. Germano Francisco d'Oliveira, actor brasileiro, que veiu a esta cidade fazer seu estudo pratico na scena do theatro Normal portuguez, afim de levar a reforma da arte aos theatros que dirige no seu paiz, foi effectivamente applaudido pelo publico que em duas noites o viu executar o protogonista da GARGALHADA. A sua vocação artistica rompe atravez de defeitos que o estudo póde facilmente corrigir, e que a perseverança deste actor vai de certo vencer. Os espectadores, avaliando merito e faltas, corôaram-lhe os esforços com merecidas palmas.

«Eis o facto, que attesto.

«Inspeção do Theatro de D. Maria Segunda 24 de Janeiro de 1856.

«O Commissario interino do Governo
«D. Pedro Pimentel de Menezes de Brito do Rio.»

Lê-se no *Diario de Pernambuco* :

«No *Diario de Pernambuco* n. 90, tivemos a plena satisfação de ver transcripto do *Diario do Grão-Pará* uma carta em que o illustrado escriptor o Sr. A. C. de Lacerda dedica ao Sr. Germano Francisco de Oliveira, o drama de sua composição—Os Dous Mundos;—agora veio-nos ás mãos o jornal scientifico a *Illustração*, que se publica em Lisboa, e deparamos com um artigo da sabia redacção em que apresentando o seu juizo imparcial a respeito do distincto artista francez Charles Lamaitre, que ali se achava trabalhando no theatro Normal, juizo no qual fazendo um parallelo entre o artista francez e o artista brasileiro, a balança da critica scientifica pende em favor do Sr. Germano Francisco de Oliveira.

«Não temos relações com o Sr. Germano, apenas seu admirador, temos ufania de publicar o que na Europa se escreve a seu respeito e mostrar aos que outr'ora nos diziam, que alli sabe-se melhor apreciar o merito, que foi ahi que ao distincto viajante foi conferido o honroso diploma de primeiro actor brasileiro que jamais poderá ser-lhe disputado.

«*Um de tantos.*»

Eis o artigo da *Illustração* :

«No theatro francez teve lugar o beneficio de Charles Lemaitre que representou—*L'eclat de rire*.—Este drama, em que ha apenas uma intenção dramatica, dividida em tres actos, faltos de vida e movimento, não abona extremamente a escolha do beneficiado, cujos recursos não se quadravam com o genero do papel que preferio.

«No terceiro acto Charles Lemaitre foi applaudido mais por sympathia benevola, do que pelo desempenho de uma situação violenta e pouco propria para os verdadeiros effeitos de theatro.

«Sem desconsideração por esta sympathia que a hospitalidade recommenda, diremos que não he este dos ensaios mais felizes do actor estrangeiro. O final do segundo acto, que se distingue por uma impressão terrivel, foi interpretado muito a quem da intenção do autor. Tinhamos ouvido ainda ha pouco no mesmo papel representado em versão portugueza o Sr. Germano Francisco de Oliveira, actor brasileiro, que se apresentou igualmente no theatro normal, e he opinião de todos os entendidos, que o paralelo não é favoravel ao artista francez.

«A gargalhada que revela o delirio, na bocca do Sr. Germano, excitou uma commoção profunda. Charles Lamaitre, nesta peripecia capital, ficou-lhe extremamente inferior, não póde haver parcialidade neste juizo, porque ambos os artistas são forasteiros entre nós.

«*Erneste Biester.*»

É bem certo que o mais precioso titulo para um homem de merito, para um verdadeiro artista, de coração e de talento, é a propria distincção com que elle se eleva, ganhando cada vez mais triumphos, no longo estadio que lhe está aberto. Os loiros, se os ha para um d'esses, elle os colhe sempre viçosos e perfumados, a principiar logo por esse juizo intimo da consciencia, onde não raro se deixa ouvir a voz da verdade.

Depois recebe-os jubiloso e transportado, quando as turbas que o applaudem e o bemdizem apontam-lhe o caminho da gloria, derramando-lhe, ás mãos cheias, flores, thezouros inextinguiveis, no apparato sincero e resplandecente das ovações.

Entretanto, se alguns dos panegyristas desse merito real se aprezem de trazer-lhe um dia um publico testemunho de mui cordeal affeição, de enthusiasmo e respeito, quem lhes poderá impor limites a esse entranhavel sentir, que lhes rebenta do fundo do coração? Ninguem o fará. E' isso um impulso generoso, é um dever, é uma lei.

Eis porque varios dos apreciadores sinceros e dos encomiastas dedicados do illustre cavalheiro GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA, que reconhecem n'elle, além d'outras boas qualidades, um subido talento artistico, a mais depurada manifestação do ingenho e do estudo, que elle ostenta como actor, não hesitam em offerecer-lhe hoje, reunidos e compactos, os muitos ramos singelos, que em differentes occasiões se lhe ha deposto com satisfação no altar de sua gloria. Se não sobem de preço pelo valor intrinseco, adquirem-n'o pelo objecto que symbolisam, e pela idéa que lhes transluz vigorosa e esplendida em cada um delles: adquirem-n'o ainda mais pela pessoa illustre a quem vão consagrados.

Moveu-os, aos muitos amigos que elle tem,—amigos seus e do seu renome—uma aspiração nobre:—valha como a *Coroa do Artista*, que, se não é ella de saphiras e diaman-

tes, é de muita impressão viva, de muito contentamento, de muita admiração e estima.

Vá seu caminho o brasileiro que se avantajá tanto pelo sacerdocio supremo e delicioso d'arte:—siga sem susto n'esse plaino, por onde marcha bem fadado e querido; e, ao saborear os gozos que lhe está proporcionando o seu amor pela arte, a cultura dos seus naturaes talentos, não se dedignará por certo, de volver mais de uma vez as folhas expressivas d'um livro d'alma,—que outra cousa não é este presente simples mas espontaneo.

Receba o artista a *coroa* que lhe cabe: dam-lh'a de coração amigos e apaixonados seus.

(Este artigo é o prologo de um folheto onde vem collectionadas muitas poesias dedicadas ao Sr. Germano Francisco de Oliveira).

ELOGIO DRAMATICO.

RECITADO POR GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, ADMINISTRADOR E
EMPRESARIO DO THEATRO DE SANTA IZABEL.

Ó 18 de Maio auri-fulgente,
Exultando com nosco um pôvo inteiro,
Nós te vimos saudar de prazer cheios!
Em nossos corações vaes ser gravado,
Como um dia feliz, que nos trouxera
Ingente soma de prazer celeste,
E como um recordar de fasto e gloria,
Que p'ra sempre será em aurea pagina
Da brasileira historia memorado!
Como o vejo risonho e prasenteiro
Festejado da propria natureza!
E nas arvores sabiá saudoso,

O saúdam com hymnos d'alegria!
 Redobrando em bellesa as flores todas
 Lhe enviam seus balsamicos perfumes!
 Ah! eu sinto pulsar dentro do peito
 De puro gozo o coração tão cheio!
 A suáve effusão, que enche minh'alma
 Sinto-a assomar aos labios meus nest'hora!

De densa escuridão rasgando as trevas,
 Que a tantos annos ha, que escurecia
 O brilhante fulgor d'uma arte excelsa,
 Eis que emfim resurgio este aureo dia,
 Marcando em Pernambuco a nova era
 D'essa arte singular, qu'aos homens mostra
 Aurada lição dos bons costumes,
 No palco-scenico a seos olhos dando
 Qual espelho fiel, a imagem sua!
 Por protecção, e esforços incansaveis
 Do illustre magistrado, e benemerito,
 Que o leme do governo ha dirigido
 D'esta bella Provincia esclarecida
 Vem poisar entre nós a augusta Scena,
 Nova escóla dramatica off'recendo
 De Pernambuco ao respeitavel publico,
 Neste novo edificio consagrado
 A mister tão augusto, e ennobrecido!

Minh'alma de prazer toda se inunda
 De comvosco saúdar este aureo dia,
 Que de novo surgio p'r'a nobre Scena,
 —Da virtude e moral potente esteio.
 A sorte para mim assás propicia
 A direcção me deu da Nova Escola,
 Que aqui nesta provincia hoje se instaura;
 Mas justa protecção de vós espero

Nesta empreza arriscada, e trabalhosa,
 Que a meus hombros tomei bem temeroso,
 Que, quanto em mim couber, os meus esforços
 Por certo hei de invidar até que possa
 Cumprir minha missão tão espinhosa!

Bem esperançoso estou que o nosso augusto,
 Benigno Imperador—Pedro Segundo
 Do progresso das artes e sciencias
 Attento zelador—potente escudo
 Por certo ha de tambem prestar apoio
 A' magestosa Scena, onde se mira
 A humanidade toda, nella vendo
 De paixões desvairadas os effeitos:
 O rei, o magistrado, o pobre, o rico,
 O pae, o filho, esposo, amante, amigo,
 Todos n'ella lição, exemplos colhem.
 Oh! quão sublime qu'è esta arte augusta,
 Deleita, instrue, exemplifica a um tempo!!
 Planta os remorsos do traidor na mente,
 Ao ver elle na scena a imagem sua,
 E os effeitos crueis do mesmo crime.
 Que porventura tem no fundo d'alma!
 Ella aponta tambem o scelerado
 Com buido punhal rasgando o peito

De seu amigo p'ra roubar-lhe o ouro!
 Ao juiz, qu'è venal, mostra os tormentos,
 Qu'elle fez supportar aos innocentes;
 Ao potentado aponta as consequencias
 Do abuso do poder, que commettêra
 P'ra paixões saciar indecorosas!
 Á esposa infiel mostra os seus erros,
 Qual seu castigo enorme, e seus effeitos,
 Noutra esposa infiel, como ella, em scena!

P'r'o crime corrigir ella presenta
 Os seus horrores em medonho quadro;
 P'ra no peito plantar cara virtude
 Em formosos paineis descreve e pinta
 Suas magas decuras, seus encantos!...

Seja sempre p'ra nós este aureo dia,
 Em que de Pernambuco heroico e bello
 O formoso theatro inaugurou-se,
 E em que tambem plantou-se a nova escola
 Da virtude, moral, e dos costumes;
 Um doce recordar d'almos deleites,
 De suave effusão branda, innocente,
 —Um dia de praser, em que possamos
 Dar suave expansão aos nossos gozos
 Em bem fagueira paz—doces folgares;
 Ah! praza aos céos emfim que um dia seja
 De grato anniversario, em que possamos,
 Bem como agora neste, prasenteiros
 Mil hymnos enviar á patria, ao mundo,
 Ao nosso Imperador Pedro Segundo!

F. A. FERREIRA LIMA.

ELOGIO DRAMATIC

Monumento honrador de Grecia, e Roma,
 Quando Roma existio, quando houve Grecia,
 Surge, avulta entre nós, honrando as Artes.
 Surge, ufano de gloria, eleva aos Astros
 A fronte altiva, que ás Idades mostra
 Do seculo o saber, a luz, e o nome.
 Monumento honrador, que aformezenta

Hum paiz, onde as Graças folgão, brincão,
 Onde o genio reluz, e desenvolve,
 Mimos, e graças, que lhe deu Natura:
 Onde brando serpeia, sussurrante,
 Capibaribe ameno, encantos todo;
 Aqui, onde a Moral, erguendo o braço,
 Aponta os vicios, e as virtudes marca,
 Onde o crime, assombrado, e espavorido,
 Aparece, qual he, medonho, horrivel;
 Aqui, onde a verdade fulge, e brilha,
 E Independente, altiva, a voz delata,
 E, ferindo o perverso, os bons ampara,
 Tereis aqui a norma, o typo excelso,
 Dos costumes, que as leis mantem no Globo.
 São os Theatros da Moral a escolla,
 O Povo indocil retratado observa
 O erro, o crime, que se espraia e lavra,
 Em seu gremio, nas classes, que são suas:
 Do virtuoso ali virtude aprende,
 Dos máos tambem ali aos vicios foge.
 O hypocrita feroz, despido assoma
 Desse véo seductor, que illude os homens.
 Ambicioso, e sordido avarento,
 Vê, que o céo vingador transtorna, abraza,
 Cofres, thesouros, que a injustiça esconde.
 Hum só vicio não ha, nem ha virtude,
 Que escape aos traços, ao vigor, e á força,
 Do mimico pincel, que a Scena esmalta.
 Nos Céos de Olinda, jubiloso um dia
 Raiou aos filhos, que em seu seio habitão,
 Um dia de prazer, suave, e puro,
 Como as delicias, que nos Céos rodeião
 O Throno excelso do Monarca Imenso,
 Que em salas de crystal esteia as bases:
 Onde mares de luz rebentão, correm

Da face augusta, que illumina os orbes,
 Que ledos gyrão na extensão do espaço.
 Hermeto, cujo nome o Imperio acolhe;
 De saber, de virtude, ornado sempre,
 Do Senado Brasilico o esmalte,
 Firme esteio do Throno, e á Patria caro;
 Hermeto para os bons, a gloria, o typo,
 Grandioso projecto, e excelsa empreza,
 Fervendo em zelo, aperfeição, última.
 Aqui, o nome seu será gravado,
 E o tempo tragador, de assombro cheio,
 Retrocedendo a rapida carreira
 De seu carro veloz, submisso á Gloria,
 Ao fulgor do saber, da Intelligencia,
 Ha de illeso deixar virtudes suas.
 Que brilhante porvir os Céos lhe aguardão!
 Na lista dos Heróes seu nome avulta:
 Com elle exulta, oh! Patria! Olinda exulta.

F. Ferreira Barreto.

HYMNO.

I

Salve, ó Pedro, que protege
 Este Imperio tão gentil!
 Salve, ó dia memoravel
 Para a Scena no Brasil!

ESTRIBILHO.

Deus proteja nosso Augusto,
 Nosso Caro Imperador
 Para gloria do Brasil,
 Que lhe vota grato amor.

II

Nossas almas se repassam
 De alegria e de prazer
 Neste dia consagrado
 Á Scena que vae nascer.

Deus proteja nosso Augusto, &c.

III

No Brasil Pedro Segundo
 Sabe as artes animar,
 Sabe dar valor ás letras,
 As sciencias cultivar.

Deus proteja nosso Augusto, &c.

F. A. Ferreira Lima.

AO ARTISTA GERMANO.

Ergue essa fronte tanto loureada,
 Artista nobre, á modestia afeito,
 E ao zoilo vil, que detractar-te ousado,
 A ponta a insignia, que te orna o peito.

Não é comprada com servil baixeza,
 Nem acções vis o brilho lh' escurece:
 É justo premio que o monarcha outorga,
 A quem por sabio, ou honra lh'a merece.

E vós, artistas, que seguís o genio,
 Tão perseguido pela inveja vil;
 Recebei bravos, que vos dá leal
 Um amador das artes do Brasil.

A SUA FELIZ CHEGADA Á PERNAMBUCO.

Germano, esse genio que ostentas na scena,
 Que aos astros te eleva, Actor primoroso,
 E' genio sublime, dos céos emanado,
 Que excelso te torna, Actor grandioso.

Se acaso suave dos labios desprendes
 A vóz que deleita, encanta, extasia,
 È tudo perfume no palco brazileo,
 Que della rescende na grata harmonia.

Do grande Bocage, ao excelso Camões,
 Quem dera-me o genio, quem dera-me a lyra,
 P'ra hoje cantar-te perante 'este povo,
 A quem só teu nome fervor grato inspira.

Mas eu que entre as musas um nome não tenho,
 Apenas te offerto singella canção;
 È ella reflexo do que n'alma sinto,
 È só de meus labios fiel expressão.

* * * * *

PARODIA.

S'eu fôra um Poéta de lyra sonora,
 Artista sublime te havia cantar:
 S'eu fôra de louros virente corôa,
 Sob'rano do palco te havia c'roar.

S'eu fôra um raminho de lindos jasmims,
 Quizera tua fronte, Germano, adornar:
 S'eu fôra da fama trombeta immortal
 Teu nome aos vindouros quizera levar.



Não sou, grande artista, poeta, nem c'róa
 Nem lindos jasmims, nem tuba da fama:
 Sou fraca mulher que te hoje admira
 O genio sublime, que grande te aclama.

POR UMA PERNAMBUCANA.

SONETO.

Desse artista mesquinho a falsa *gloria*
 Não chega á gloria tua sem *rival*.
 De teu genio sublime e sem *igual*
 No mundo durará sempre a *memoria*.

S'elle ousado roubar pretende a *gloria*,
 Na satyra amestrado e sem *rival*,
 Despresa-o nobre genio que outro *igual*
 Não ha que offuscar possa-te a *memoria*.

Despresa-o; deixa-o; qu'è elle em furia *aceso*
 Qual pequeno reptil, sem luz, sem *norte*
 Dos homem só merece alto *despreso*.

E como outro não ha que nos *transporte*
 No palco como tu; com um *sorriso*
 Zomba da *serpe vil*, zomba da *morte*.

F. A. Cesario d'Azvedo.

AO INSIGNE ARTISTA DRAMATICO GERMANO FRANCISCO DE
 OLIVEIRA CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA.

Por entre estas flores que entrançam-se bellas,
 Aceita, GERMANO, tambem esta flor,

Bem pobre se perde por entre as capellas
Que adornam-te a fronte d'altivo primor.

Bem pobre é o *bravo* que cheio de pasmo
Do peito se expande, derrama-se n'alma !
Tão pobre que importa descrente marasmo,
Tão pobre, me pesa, brasilico Talma.

Mas d'alma é nascido, possui nobre origem,
Que alma do bardo reflete, retrata;
Não penso, não sinto na ardente vertigem
Que prende, que enleia, que encanta e arrebatá.

Quem viu-te em D. Cesar—pasmou infallivel,
No Pedro ás plateas, GERMANO, electricas,
No amante de Branca pintar-te? —é impossivel !
Se o Kean desempenhas, o Kean rivalisas.

Chegaste no palco pasmasté ás plateas,
Si ris todos riem, si choras lá choram;
Na turba a virtude, GERMANO, tu creas,
Os homens te invejam, as damas te adoram !

Que o Genio na terra se torna um Messias,
—Bem como suppoz-se gentil Prometheu,
Que fracos, querendo, de heroes tornarias,
Que um animo forte de um fraco nasceu.

Si vim n'este dia por entre este povo
Trazer estas flores que aos pés te deponho,
Sei,—foi ousadia,—porém, cantor novo
Desculpa mereço de todos, supponho.

Por entre estas flores que entrançam-se, bellas,
Acceita, GERMANO, tambem esta flor,

Bem pobre se perde por entre as capellas
Que adornam-te a fronte d'altivo primor.

* *C. Monteiro.*

POESIA

OFFERECIDA AO EXIMIO ACTOR G ILLM. SR. GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA, NA NOITE DE SEU BENEFICIO NO THEATRO DO PARÁ, EM 7 DE MAIO.

Quem ama da madrugada
Os exquisitos odores,
Com que toda perfumada
Faz sentir no peito amores;
Obrigando a triste lyra,
Que oppressamente suspira
A fallar ao coração
E d'alma insensivelmente
Aos labios em tom cadente
Traz-lhe amena saudação ;

Quem com a aurora se deleita
Vendo-a formosa naseer,
Com a rubra côr que a enfeita,
De Deus se crendo no SER ;
E então desfere o plectro
Na harpa sonoro metro
Ao poder do Creador;
Perdendo-se a mente toda
Dos horisontes em roda
De tudo vendo o Senhor;

Quem ama o astro do dia,
Percorrendo a immensidade

Ao mundo dando alegria
 Com sua delia claridade;
 Astro dos astros primeiro,
 Refulgente e altaneiro,
 Nossa existencia marcando;
 Circulado de fulgores,
 Alimento dando ás flores,
 Ao seu viver ledó e brandó;

Quem ama da tarde estiva
 O magestoso arrebol,
 A alma tendo captiva
 No occidente ao pôr do sol;
 Se recreando com a brisa,
 Que suave se deslisa
 Pela terra entre os viventes;
 Com o murmurio da fonte
 Nascida d'alpestre monte,
 D'onde desfaz-se em torrentes;

Quem ama o céu recamado
 De mil fulgidas estrellas,
 E o rosto prateado
 Da lua por entre ellas;
 Ou o fugaz pyrilampo
 Noctivagando n'um campo,
 Semeado de boninas;
 Ou as floxintias mimosas
 Delicadas e odorosas,
 Sorrindo em verdes campinas:

Quem tanto sente, podéra
 Não sentir mil emoções?
 Ter o peito d'uma féra,
 Quando tudo é sensações?

Ser tambem indifferente
 Á um fogo tam ardente,
 Que das entranhas exhalas,
 Quando dizes tyrannia,
 Refalsada hypocrisia,
 Se retrahido nos fallas?

Quando tú te identificas
 Com o papel, que representas?
 Quando bem significas
 Horridas scenas cruentas?
 Se nas comedias, nos dramas,
 Se nas tragedias declamas,
 Quem póde ouvir-te impassivel,
 Ora branda, ora estridente
 Dos labios a voz pendente,
 Ou suave, ou irascivel?

Avante em tua conquista,
 Gigante, cumpre o teu fado!
 A nobresa do artista
 É dos céus dom sublimado!
 Vai alem, buscando o mundo,
 Com teu talento profundo
 Nos peitos verter paixões;
 Que serás grãnde na scena,
 Qual transcendente na penna
 O desditoso CAMÕES!

F. R.

OFFERECIDO AO ARTISTA
 GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA.
 Humilde tributo ao merito.

Se digno de ti fosse meu canto
 Eu quizera em tenue verso decantar-te;

Quizera em branda lyra um son benino,
Um son ainda timido offertar-te.

Mostrar-te o quanto amigo, inda de longe
Tu tens um coração que sabe amar-te,
E n'esse arroubo meu dar-te meus votos,
Um son ainda timido offertar-te.

De mimoso vergel, de lindas flores,
Eu quizera uma grinalda p'ra c'roar-te;
Se tivesse dourada, eburnea lyra,
Um son ainda timido offertar-te.

Mas, que podem versos meus, mesquinho canto
A ti que tens a fama p'ra louvar-te?!
Que podem murchas flores, ao artista?
Anhelos que só tenho p'r'offertar-te?!

E' forte o meu desejo, escassa a mente
Não posso em throno excelso collocar-te
Não posso dar-te mais que humildes trovas
Um son ainda timido offertar-te.

O genio que é só teu, em ti se nutre
Em ti s'ostentão unidas gloria e fama
E' onde os altos nomes 'stão escriptos,
O teu em brilho d'ouro se proclama.

S. C.

Rio de Janeiro 3 de Janeiro de 1838.

POR OCCASIÃO DO BENEFICIO CONCEDIDO
Á ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA PERNAMBUCANA.

Eu vejo no artista que a scena abrilhanta
Um astro que avulta no patrio horizonte:

Si os genios ao Talma prestarão-lhe cultos,
Ao genio brasileiro curvemos a frente.

Eu vejo no artista que os braços estende
Em prol do progresso, da lei social,
O laço que prende de irmãos no banquete
Diversos apóstolos da grey fraternal.

Naquelles que os elos das artes apertão,
Briosos atletas eu vejo também:
Bem hajão artistas que ardentes procurão
No tempo das luzes o nome que tem.

Nas letras encerrão-se as varias sciencias,
Que os sabios somente podêrão guardar,
Si as artes nos typos não fossem ligeiras
Té mesmo aos extremos da terra as levar.

Bem hajão artistas que ardentes procurão
No seio das luzes assento brilhante;
Mil c'roas de flores ás plantas rojemos
Do genio colosso do palco gigante.

Eu vejo no artista que a scena abrilhanta
O genio que o povo saúda com palmas,
Que assento de gloria ganhou primoroso
No throno dos Dumas, no solio dos Talmas.

Recife, 8 de Abril de 1858.

J. M. Alves Cavalcanti.

AO SUBLIME ARTISTA, PRINCIPE DA SCENA BRAZILEIRA,

GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Na noite de 20 de Janeiro de 1858.

Genio! Genio! sem par! sublime artista!
Grandioso portento da natura,
Que o palco resplandece!

Essa gloria immortal que tens creado
 Que te inspira o saber, o genio e arte,
 Ninguem póde offuscar-te.

Quando te ostentas creador perfeito
 Da escola normal, moderna escola,
 Quem, quem pode igualar-te ?

Não receies rivaes. . . . rivaes não tens,
 Tens apenas a inveja que remorde
 Mesquinhos corações.

Avante, pois, artista consumado,
 O futuro te aguarda, esperançoso,
 De glorias perenaes.

Caminha altivo que a patria te proclama
 Filho querido, sustentaculo firme
 Da arte que professas !

És genio ! és immortal ! em ti reunes
 A tão alto saber, rara virtude
 A sublime modestia !

Rio de Janeiro 20 de Janeiro de 1858.

ODE

AO INSIGNE ARTISTA GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.

Na noite de seu beneficio no theatro de S. Luiz.

Em balde intenta a macilenta inveja
 Rábida e fera, emmurchecer-te os louros;
 Mais póde do teu genio a fama iñgente
 Que o misero despeito. . . .

Se hoje a calúnia, prole vil do inferno,
 Com baldouens te accomette infamadores,
 Não te pêze, GERMANO, essa foi sempre
 A sorte do talento!

Não te pêze! . . . não vês que o raio invade
 De preferencia alcáçares sublimes?!
 Mas, seguro de si, o varão forte
 Seus furores despresa

Valor, GERMANO, na escabrosa senda
 Que ousado trilhas com donoso garbo;
 Avante! o povo é justo e te contempla
 O primeiro na scena;

Não ves como te applaude e victoria?
 E chovem sôbre ti laureis fulgentes?
 Que vale, a par d'esta ovação brilhante,
 De gôzos o ladrido?

Miseraveis ! que faz que elles te opponhão
 Rivaes que só na mente fantasião?!
 Quem direito lhes deu, vis mercenarios!
 De contrastar o genio?!!

Se conheces rival, sómente é esse
 Que ao longe brilha, na fluminea scena;
 Qual outro no Brasil tem devanêo
 Em desputar-te a palma?

Eia! prosegue, artista primoroso,
 Junta novos florens ao teu diadema;
 Enche a nós de praser, de raiva os gôzos
 Que impotentes te ladrão

TRIBUTO DE GRATIDÃO POR HAVER GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA
CONCEDIDO UM BENEFICIO AO ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA DA ILHA
DE SAN' MIGUEL.

Tu, que estendes a mão para a indigencia,
Que á infancia desvalida auxilio prestas,
Vai sempre, em meio ás glorias da existencia,
Provando aqui—além—virtudes destas;

Cobrir dos membros a nudez do pobre,
Dos olhos enchugar-lhe o vero pranto,
Dar pão ao que tem fome—é sancto, é nobre;
Mas si é dado á orphandade, é mais que sancto;

Á tua historia, generoso artista,
Junctaste um louro mais, singelo e puro:
As preces infantis—bella conquista,
Que ha de salvo levarte ao teu futuro.

Lá então os meninos desvalidos,
Tornados homens pelos teus favores,
Hão de, votos de amor, enternecidos
Tua memoria coroar de flores.

* * *

SONETOS.

Qual no dia primeiro te has mostrado
Na scena, actor sublime e primoroso,
Tal te ostentas agora magestoso
Sobre esse mesmo palco que has honrado;

Deixas o Maranhão, mas um só brado
De louvor te acompanha, e bem saudoso...
Artista como tu, tão primoroso
Tem jus por muito tempo a ser lembrado:

Se ousou a negra inveja, n'um momento
De perdida rasão, negar-te o preito,
Devido ao teu real merecimento,

Presto foi seu esforço em pó desfeito !
Pois hoje ao teu saber, ao teu talento,
Pagão todos tributo de respeito.

Só fóra de Camões o estro ardente
Vero cantor das emoções que excitas;
De Camões immortal, cujas desditas
Rememoras no palco vivamente;

Camões, que viu trocadas de repente
Por ternas afeições, mágoas afflictas;
Camões, morto de angustias infinitas,
Pela sorte da patria descontente.

Baldada aspiração !... Da ingente lyra
Apenas nos repete a lusa historia
Os cantos divinaes que desferira.

Porem saiba o universo, p'ra memoria,
Que, se n'alma do actor Camões respira,
Como teve Camões, o actor tem gloria !

Mais outra vez mais grato e mais garboso,
Resurge em nosso palco vacilante,
Eximio cavalleiro, o heroe prestante,
Rico de gloria de renome honroso.

Bem vindo seja o nobre actor mimoso,
 Bizarro em tudo, em tudo insinuante;
 Da natura fiel representante,
 Egregio, intelligente e portentoso.

Bem vindo seja e entre nós resida,
 Resida para sempre, e sempre ufano,
 Leve sempre os seus Zoilos de vencida.

Vindo ao povo seu Pernambuco,
 Venha, venha trazer-nos nova vida
 Habitar entre nós, venha Germano.

P. R. M.

Da mizerrima Ignez, o grande esposo,
 Trouxeste vivo à bahiana scena,
 Quer na frase de amor leda e serena,
 Quer das paixões no impeto fogoso.

Do Luso Homero cujo fim penoso,
 De ingrato e fero a Portugal condemna,
 Quanto elle brilhou com a espada e penna,
 Na scena tú brilhaste, actor famoso.

De Aljubarrota no sublime page
 Tanto agora te ergueste, que inspiraste
 Meu éstro a te render esta homenage.

O genio de Leal com o teu honraste,
 Ávante fluminense, eia corage
 Tens nome em tua patria, isto te baste.
 Bahia, Maio de 1848.

FRANCISCO MUNIZ BARRETO.

Altivo despresando o zoilo insano,
 D'elle tens nobremente triumphado:
 O povo que te tem apreciado,
 Te aclama o rei do palco Americano.

Não te importe este bando deshumano,
 Que tem o genio teu abocanhado:
 O louvor que te dão não é comprado,
 É devido a teus dotes, ó GERMANO.

O teu nome será sempre applaudido;
 Como artista sublime e sem igual,
 Serás em todo o mundo conhecido.

Ao teu genio não tens um só rival;
 Louvores que te dão has merecido:
 Tú és da nossa scena astro immortal.

A. B. GITIRANA COSTA.

Mais um verde laurel hoje ganhaste,
 Laurel que te dá gloria, e dá renome;
 O tempo que voraz tudo consome
 Respeitar ha de o nome que illustraste.

Obrando com o vil zoilo como obraste,
 Tú fizeste immortal o teu renome;
 Germano ennobreceste já teu nome,
 Mais laureis gloriosos tu ganhaste.

Serás na nossa scena engrandecido
 E em quanto o sol á terra der fulgor
 Tú serás no Brasil sempre applaudido.

De Pernambuco o povo com ardor

Applausos mil te dá, que has merecido
Tu do nosso theatro creador.

A. B. GITIRANA COSTA.

À gloria, actor sublime, á gloria, á gloria,
Ó de Talma rival, Nume da scena,
Quando gemes d'amor, carpes de pena,
No palco imperas, fulgirás na historia.

Já gosa o nome teu d'alta memoria,
E brilha, quanto brilha a flor amena;
Longe, longe o pavor, em paz serena
Conquista, os louros teus na grãa victoria.

No formoso Brasil, puro, e jocundo
Uma aurora fadou-te de ventura,
Ó da scena prodigio sem segundo.

Teu nome entr'os heroes brilha e figura,
Apesar do rugir do zoilo immundo,
Ávante actor sem par, eia fulgura.

JUVILINO ARMINO DE BARROS CORREA

O teu nome, Germano, e a tua gloria
Intactos volverão á eternidade;
E, sem temer do tempo a edacidade,
Eterna se fará tua memoria.

Brilhante, honrando as paginas da historia,
Como hoje avultarás em toda a idade;
Como tú outro artista jámais hade
Contra os zoilos ganhar alta victoria.

Tú vencel-os soubeste; eia prosegue
 Nessa estrada brilhante, que encetaste,
 Que teu genio mil louros já consegue.

O nome e alta fama, que ganhaste,
 São remorso pungente que persegue
 Os inimigos teus, de quem zombaste.

C. D'AZEVEDO,

Descei do Olympo, muzas da memoria,
 C'roadas de jasmims rozas e louros,
 Das lyras divinaes as cordas d'ouro,
 Feri cantando de Germano a gloria.

Fazei que aureas paginas da historia
 O seu nome ao seculo vindouro
 Seja para o artista um thesouro
 Em genio, em saber, em Honra e Gloria.

Neste momento em que de nós se ausenta
 Receba e guarde este hymno que amizade,
 Não filha do interesse lhe apresenta.

Elle exprime tambem nossa saudade,
 Com elle sua gloria mais se augmenta
 Com seu nome que irá á eternidade.

De tua longa ausencia já sentido
 Este povo, que ves aqui saudoso,
 Vem hoje de applaudir-te desejoso
 Mostrar que nunca foste esquecido.

Se um nome immortal e merecido

Em Recife alcançaste, actor famoso,
 Este povo que te estima, glorioso
 Este nome repete, actor querido!

A sorte que hoje em scena te ajuntou
 Aquelle que do povo do Janeiro
 Sempre applausos e louros alcançou,

Te mostra o entusiasmo verdadeiro
 De quem contente hoje te acclamou
 Um dos heroes do palco brasileiro.

P.

Erguei-vos povos, e dizci pasmados;
 Eis o artista rei, rei dos actores,
 Queimai-lhe insensos offertai-lhe flores,
 Templos erguei-lhe de festões ornados!

Da scena patria nos annaes marcados,
 Seus feitos vêjo com eternaes côres,
 Saudando o genio divinaes cantores,
 —Germano—dizem, dizem transportado,

Artista eximio, singular, fecundo,
 Quem pode ver-te sem sentir no peito
 Arroubo extremo sem igual profundo.

Da scena o espaço te parece estreito,
 Teo genio avaro de abranger o mundo.
 É mais do q'immortal mais que perfeito.

Eis sobre a scena o Genio sublimado,
 O Rei da nossa scena ennobrecido,
 Germano, cujo nome é conhecido
 Sobre o palco, onde tem louros ganhado.

O seu nome na historia hoje gravado,
 Ha de ser aos vindouros transmittido;
 E o genio, que elle tem desenvolvido
 No palco, o fará sempre admirado.

Já gosa no Brasil de eterna gloria,
 De fama perennal, de grande nome,
 Esse, que avulta honrando a nossa historia.

E sem temor do tempo, que consome
 Tudo sem attenção, sua memoria
 A par existirá do seu renome.

F. J. F. GITIRANA.

Germano, tens na scena inteira gloria,
 Na scena onde refulges sem rival;
 O teu genio sublime é sem igual:
 Jámais se offuscará tua memoria.

Ninguem tem como tu tão grande gloria
 És do grande Talma nobre rival;
 E na scena da Patria és sem igual;
 Eterna durará tua memoria.

O zoilo, que te segue em furia aceso,
 Que não tem sobre a terra sul, nem norte,
 Nada mais nos merece que o desprezo.

Deixa-o pois, ó Germano, no transporte

De furor, que o domina, e co'um sorriso
Zomba da serpe vil, zomba da morte.

A. B. GITIRANA COSTA.

Sobre o palco, qual astro abrilhantado
Ergue a fronte, ó artista, ennobrecido:
Germano, o Genio teu ha merecido
Ser na scena da Patria laureado.

Já ao cimo da gloria tens chegado
Na scena, onde sem par és conhecido;
De teus rivaes o odio, engrandecido
Tem teu nome, ó artista sublimado.

Jámais debes temer o zoilo insano
Que procura, ó artista verdadeiro,
Abocanhar teu Genio soberano.

Tu no palco Brasileiro és o primeiro:
És artista sem par; grande Germano
Tu és o nosso Talma Brasileiro.

F. J. F. GITIRANA.

Te cinge mais a fronte uma corôa
De verdejante louro, actor sem par:
Teu nome em nossa historia ha de brilhar;
Teu nome que no orbe já resôa.

A tuba da immortal fama apregoa
O teu Genio, ó artista singular!
E não cessão na patria de exaltar
O teu nome que em toda a parte eccôa.

Tu que, grande Germano, restauraste
 O theatro, no solo meu querido,
 E com teu grande genio o illustraste;

Recebe hoje um tributo que he devido
 A ti, que a nossa scena abrilhantaste,
 A ti que tanta gloria has merecido.

A. B. GITIRANA COSTA.

Triumphas outra vez, excelso actor
 N'este palco que triste em tua ausencia
 Jámais pôde brilhar com excellencia
 Com que sempre brilhou com teu valor.

Acolhido por nós com puro ardor
 Vem mostrar-nos a tua magnificencia,
 N'esta scena, em que tens tanta influencia,
 Um prodigio dos teus em teu louvor.

Pernambuco por ti geme e suspira;
 Nosso palco sem ti suspira e chora;
 Nossa scena tambem sem ti delira.

Porém nossa opinião, confesso-a agora,
 Que, se o povo Maranhense t'admira,
 Pernambuco faz mais, porque te adora.

Ei-lo outra vez na scena prazenteiro,
 Seus louros ostentando primoroso !
 Ei-lo outra vez no palco glorioso,
 Onde foi e será sempre o primeiro !

Ao lérdes perdôa ser triste e singela,
Que em meus rudes cantos, ousei escrever.

Março de 1859.

MANOEL SABINO DA SILVA.

THEATRO DE S. JANUARIO.

ULTIMO ESPECTACULO DA EMPREZA DO ARTISTA GERMANO.

Ha casos em que o silencio é em demasia culpavel. Quando por exemplo, os factos revelão uma verdade que se procura negar, eis ahi um delles; e é por isso que pela nossa vez vamos fazer tambem de chronista contando o que vimos e o que dos olhos passou-se-nos para o coração.

Eis o que foi:

Annunciada para hontem a recita em despedida do actor Germano Francisco de Oliveira, teve com effeito logar, apezar do tempo que durante todo o dia conservou-se pessimimo; e, o que é mais, o pequeno theatro de S. Januario esteve apinhado do maior numero de pessoas que é possivel acolher. Camarotes e platéa estavam litteralmente occupados, e muitos forão os descontentes por se não poderem tambem accomodar em tão acanhado espaço.

E como não havia de ser assim quando se tratava do adeus de um artista perfeito e cavalheiro na extenção da palavra? quando era o 29 a peça promettida e anciosamente esperada?

A escolha do emprezario não podia absolutamente ser melhor. Foi nessa comedia-drama que mais uma vez deixou-se elle traduzir em scena pelo artista consummado e sem orgulhosas pretensões. Foi nella que o veterano honrado e fiel á vontade de um morto, apresentou-se desde a primeira vez no palco de S. Januario; o prototypo da

honra e da dedicação de um amigo e subalterno; o soldado valente e aguerrido que já longe da mocidade e fóra dos combates sonha com aquella por amor destes; o velho pai, que, offendido na parte mais sensível de sua alma diante da filha transviada pelo impulso de amorosa inclinação repelle-a profundamente magoado e em desesperação; exproba, humilde a principio, o seu offensor, porque sabe dever-lhe obediencia e respeito, e depois, no cumulo da dôr paternal, tudo esquece, desattende-o, salvando-o entretanto em segredo do suicidio e da infamia. Foi nella emfim que as differentes paixões postas em jogo pelo seu autor encontrarão fidelissimo interprete. E dahi a rigorosa obrigação em que nos achamos de dizer francamente que o Sr. Germano é e será o verdadeiro 29.

A primeira sahida do distincto actor a sociedade—Vinte nove ou honra e gloria—brindou-o, por intermedio de uma commissão para esse fim nomeada, com uma linda e importante corôa, acompanhando-a uma producção poetica e innumerous bouquets; applausos e saudações lhe forão em seguida offerecidas.

A Sra. D. Manoella, essa mais que muito apreciavel actriz, foi tambem applaudida e mimoseada não menos entusiasticamente. Muito folgámos com isso, porquanto immensa parte lhe cabe no triumpho do 29.

Finda a representação da peça, que geralmente satisfez, o Sr. Germano dirigiu ao publico e aos seus amigos o monologo que passamos a copiar; foi como o inevitavel gemido da victima resignada de poucos, e um hymno de gratidão do artista predilecto de muitos.

«MONOLOGO OFFERECIDO PELO ACTOR GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA AO PUBLICO EM GERAL, E EM PARTICULAR AOS SEUS DEDICADOS AMIGOS, E POR ELLE RECITADO NA NOITE DE 4 DE MARÇO DE 1859.

«Inda mais uma vez, publico illustre,

Em vesperas sentidas de deixar-vos,
 Neste momento nóto que em meu peito
 Irresistivel sentimento impera,
 Que incendiado por vós com provas tantas
 D'espontaneos favores me arreata.
 E', de certo, que a propria natureza,
 Eterna professora, instrue, ensina,
 Bem que em mudas lições a nossa mente
 A bem comprehender submissa, humilhe,
 Quantas, do coração graves palpites,
 Varias idéas sem cessar exprimem.
 O que pois ora sinto assaz entendo,
 E muito galardão tenho em dizer-vos.
 Qual sois, modesto, generoso e nobre,
 Deixae desabafar-me, permittindo-me
 Soltar dos labios a sincera phrase
 —A vós, senhores, gratidão vos devo—

«Às plagas do Janeiro, patria minha,
 Não ha muito cheguei nas longas azas
 Do férvido desejo de attestar-vos
 Que de vós não me esqueço, que procuro
 Os possiveis ensejos de tornar-me
 Sempre digno de vós, e que agradar-vos,
 Como ao publico em peso desta côrte,
 Tenho por norte em minha vida artistica.

«Mas assim não tem sido: occultas causas
 Meus esforços repellem, me deprimem
 Gratuitos inimigos, ciumentos
 Das affeições que despendeis comigo,
 Que as mereço tão mal. Martyr me querem;
 Mas Deus, que a tudo assiste, bondadoso
 Um premio ás minhas intenções envia
 Na vossa protecção, no vosso auxilio



Importante, eficaz.

«Se vós não foreis,

Quem sabe se, enervado pelas dores
D'immérita aggressão, não succumbira?!
Quem sabe se o meu animo abatido,
Descrente o coração, adeus p'ra sempre
A vós, amigos meus, vos uão diria?!...
Só Deus o sabe; Deus, que excelso deu-me
Em vossos beneficios forte escudo
Opposto aos projectis que irão quebrar-se,
Reflectidos, nas armas que o despedem.

«E' certo que vos deixo entre saudades!
Que em poucos dias estarei bem longe!
Mui sagrados deveres me reclamão
A dar contas de mim; corro a presta-las,
A cumprir a palavra e compromissos
A que longe daqui estou ligado.
Oxalá que eu consiga, em digno accordo,
Tornar cavalheirosa e dignamente
Para junto de vós, máu grado a tudo!
São estes, crêde, meus ardentes votos.

«E quando sobre as ondas alterosas
Eu for caminho dessa amavel terra,
Onde habita esse povo hospitaleiro,
Que tambem desvelado penhorou-me
Muito, confio, logrará minh'alma
Comvosco permutar agradecida
Fiel recordação:—Que mais, de longe,
Para quem, como eu, tanto vos deve,
Para quem, como vós, que sois credores?

«Ordenai sobre mim.... Adeus amigos!
Mas antes de eu partir sabeí que um vivo,

Bemvindo sejas, nobre cavalleiro,
 Artista esclarecido e portentoso!
 Saudades vens matar? Sim vens gostoso
 Abraçar este povo hospitaleiro.

Mas ah! que a sorte dura, a sorte impía
 Com seu cruel poder te quer roubar
 Á quem mais neste mundo te aprecia,

Á quem nunca deixou de te adorar;
 Mas que espera gozar-te ind'algun dia
 P'ra de novo o teu nome celebrar.

De que vale a teus pés o sceptro d'oiro,
 A purpura dos reis, o throno, a gloria,
 Se já tens o teu nome em nossa historia,
 E p'ra ti cada dia é mais um louro?!

Se tens de genio a c'róa, alto thezouro,
 Que não é como a purp'ra transitoria,
 As vezes á passar sem na memoria
 Deixar seu nome do seculo vindouro?

Eleva-te, gigante entre os actores,
 Que teem no palco de Izabel brilhado
 Entre chuvas de palmas, riso e flores.

Espera-te este povo entusiasmado
 Á applaudir-te de *Pedro* nos amores,
 Que inda mais te farão idolatrado.

José de Souza.

Ei-lo que agora entre nós o temos
 Cheio de loiros e de glorias cheio;
 Ei-lo que altivo, pressuroso veio,
 Garboso e nobre entre nós o vemos !

Gratos hymnos d'amor, eia, entoemos
 Em doce amplexo, em gostoso enleio,
 Ao nobre artista de primores cheio,
 Ao nobre artista que entre nós o temos !

Ao Deus do palco, poderoso, ingente,
 Perfeito artista, eximio, soberano
 Da scena brilho e da brasilia gente,

Ao nosso amigo, prestimoso ufano,
 Da nossa scena o astro refulgente,
 Ao nobre cavalheiro, heroe GERMANO.

Por uma Pernambucana.

A GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA;
 Raro typo da Scena Brasileira.

Graças, graças a Deos, chegou Germano
 As floriferas plagas de Vieira;
 Da Scena Aguia gentil, e prasenteira,
 Do Palco do Brasil o Soberano.

Cada vez entre nós s'ostenta ufano,
 Cheio de vida e gloria verdadeira;
 Recebendo homenagem justiceira
 Do povo seu fiel Pernambuco.

Permitta o Céu piedoso, o Céu clemente,
 Qu'esse forte terror do Guimarães.

Os nossos votos ouça docemente.

Os uivos desprezando de vís cães,
Entre nós sempre viva alegremente
P'ra triste confusão dos charlatães.

M. R. P.

POESIAS.

E' nobre o artista que atravez de invejas
Rompe altaneiro p'ra chegar á gloria,
Co'a crença nobre que só o genio inspira
Leva seu nome aos immortaes da historia.

E' nobre o fim, mas tortuosa a estrada
Que ao longe acena—n'um sorrir dourado,
Duros espinhos lhe bordeja a margem,
Por isso a poucos chegar lá foi dado.

Mas tu, Germano, que tiveste em sorte
O genio a estrella que ao porvir conduz...
Avante, artista, e no futuro um nome
Cheio de gloria brilhará de luz.

E agora, artista, que o dever te chama
Avante, avante, mas vem cedo aqui,
Sabes que deixas a saudade n'alma
Dos que na ausencia chorarão por ti.

Chegastes á terra que aprecia o merito,
Que ao grande artista sabe dar valor.
Bem vindo, ó genio; nossa scena espera-te,
Vem dar-lhe vida, animação, calor.

Do sul ás plagas visitaste ovante,
Deixando a fama, que deixaste aqui;
E inda hoje o éco que accordou teu nome,
Por lá se escuta á reboar por ti.

Poder do genio! em toda a parte grande,
Vê todo o povo se arrastar-lhe ao pé!
Aqui martyrios, acolá triumphos,
Descrença um dia, n'outro dia a fé.

Bem vindo sejas entre nós, bem vindo!
Que a nossa scena vens trazer calor
Acceita o brado que te envia o bardo,
Que ao grande artista sabe dar valor.

18 de Março de 1859.

* * *

Á c'roa mimosa, Artista, que ostentas
Não tive p'ra dar-vos se quer uma flor!
Um canto buscava, não tive uma lyra,
P'ra dar-vos não tive sequer um penhor!

Tentava, Germano, cantar-vos um hymno,
E apenas do peito soltei um gemido
No sólo deserto da mente obscura,
Não tive um presente p'ra ser-vos rendido.

Apenas a prova de honroso respeito,
Que a vós eu tributo, vos venho off'recer.
Tão pobre e pequeno, quão grande o motivo
Que vossa bondade só pode acolher.

É fraca homenagem, Germano, que deu-vos,
De um pobre proscrito vem hoje render;

Feliz presentimento me anuncia
 Que será limitada a nossa ausencia,
 Se o quizer, como espero, a Providencia.»

Estrepitosos vivas e applausos abafarão as ultimas palavras e mais outras poesias lhe forão dedicadas, todas ellas genuinas expressões de publica sympathia.

Chamado á scena (ao que attendeu o muito digno e condescendente Sr. juiz do theatro) repetirão-se iguaes manifestações de vivo enthusiasmo, apreço e contentamento.

No fim de todo o divertimento ainda forão justamente attendidas as freneticas reclamações que de novo geralmente se levantarão pelo seu reaparecimento.

Então subiu de ponto o enthusiasmo: grupos de amigos, afeiçoados e conhecidos transpuzêrão a distancia que delle o separava, passarão da platêa para o tablado, e ahi, entre mil adeuses e felicitações, vimo-lo estreitado em doce e arrebatador amplexo.

A hora estava adiantada era força que nos retirassemos e o fizemos pezarosos; lá deixando ficar ainda o sublime quadro da amizade pagando o devido tributo ao genio, ou por outra, o artista Germano completamente victoriado.

Terminamos esta succinta exposição observando que partirá segunda-feira para Pernambuco esse caro objecto de tão cordiaes e merecidas ovações. Consta-nos que varios circulos dos seus amigos preparão-se para ir ao seu bota-fóra. Tecemos-lhes os nossos louvores, e ao Sr. Germano desejamos uma feliz viagem e uma proxima volta.

Rio, 5 de março de 1859.

(Do *Correio Mercantil*.)

O ASYLO DA INFANCIA.

AOS SRS. JOÃO MARIA CORDEIRO LIMA E GERMANO FRANCISCO D'OLIVEIRA, QUE AUXILIARAM ESTE PIO INSTITUTO COM A AVULTADA QUANTIA DE NOVECENTOS MIL REIS.

É noute; aquellas janellas

Esclarece-as branda luz;
 O rumor, que sáe por ellas
 Tem delicia que seduz.
 Quem mora ali? essa frente
 Qual rosto de penitente,
 É severa a mais não ser;
 Por acaso a castidade,
 Fugida lá da cidade
 Ali se iria esconder?

A lua que váe caminho
 Da estrada de ignoto céo,
 Viu aquelle alberguesinho
 E o seu giro suspendeu!
 Falou-lhe? se a lua fala
 O brilho da nova gala
 Que agora deixa mostrar,
 Deve ser phrase eloquente,
 A que responde rev'rente
 A luz do pobre solar!

Mensageira das alturas,
 O que foi que viste ali?
 Não dizes? essas doçuras
 Que eguaes inda te não vi,
 Trahem-te, oh lua, o segredo
 Se absorto me vês e quedo,
 Sei teus risos traduzir.
 Caminhas? vae mensageira,
 A Deus conta prasenteira
 Quanto acabaste de ouvir.

Diz-lhe lá que a orphandade
 Ali se váe hospedar;
 E a maga caridade
 Lhe vae o pranto enxugar.

Era inda ha pouco este solo
 Vasto ermo onde o consolo
 Não via o mis'ro sorrir;
 Caiu-lhe orvalho sagrado,
 E o torrão abençoado,
 Essa flor viu logo abrir.

Este singelo murmurio,
 Que a nós, lua, captivou,
 São preces lá do tugurio
 Por quem lh'a esmola enviou!
 Olha, oh astro, lá no prado,
 A florinha que ao sol nado
 Exhala os perfumes seus,
 Nunca tem tanta fragrancia
 Como a oração da infancia
 Eleva ao solio de Deus.

O Senhor ouvindo os rogos
 Dos corações infantis,
 Aos bemfeitores, seus fogos
 Illuminam quaes rubis!
 Quem vae no travor da taça
 De que se alenta a desgraça
 O grato mel espalhar,
 Quaes astros do firmamento,
 São do terraqueo armento
 Pharoes d'alto scintilar.

Tu, que vens lá d'outras plagas,
 Oh astro de tanta luz!
 Duas aureolas magas
 Não viste por Santa Cruz?
 São na linda Pernambuco,
 E o pranto á pobreza enxuto

É quem as faz refulgir;
 Que as viste, diz o enleio
 Com que paraste o passeio
 P'r'ás vires cá reflectir!

Lá, dois astros de bonança
 Oliveira, Lima são;
 Cá, phanaes de confiança
 A quem não se pede em vão!
 As asyladas que os choros
 Em doces festivos coros
 Mudaram de gratidão,
 'Stão dizendo qu'essas almas
 Nas caritativas palmas
 Só encontram galardão!

E tu, oh lua, que ouviste
 Esses córos infantis;
 Que paraste e que sorriste,
 Que farás, oh astro? diz!
 Ah!... vaes á eterna morada
 Ser dos dois advogada
 Por ambos interceder;
 Bem hajas, que os teus anhelos
 E os d'estes anjinhos bellos,
 Hão de unidos mais valer.

É noute; aquellas janellas
 Esclarece-as branda luz;
 O rumor que sáe por ellas
 Tem doçura que seduz!
 Mora ali a pobre infancia;
 São horas de n'essa estancia
 Se entoar a oração;
 Ouvir, que venha quem sente,

Como é solemne e cadente
A tocante invocação!

30 de Novembro de 1858.

F. M. SUPICO.
(Do Santelmo.)

AOS ILLMS. SRS. JOÃO MARIA CORDEIRO LIMA E GERMANO
FRANCISCO D'OLIVEIRA. *

Caridade, sois um sonho
Que ninguem ainda sonhou,
Sois flor que ainda no mundo
Casta e pura não brotou,
Que o bafo da negra inveja
Mal aberta vos tisnou!

Sois oito lettras gravadas *
P'lo Senhor no coração,
Em alguns 'stão apagadas,
Ai d'elles! Que fim terão?
Dil-o as paginas da Biblia
Té as folhas do Alcorão!

Flor do Golgotha regada
Pelo sangue de Jesus,
Nascerieis d'uma lagrima
Caída do alto da cruz?
Oh sim! Que através das lagrimas
A caridade transluz!

A rosa desfolha e pende,
O lyrio esmorece e cae,

* Pelo acto de caridade que praticaram promovendo em Pernambuco uma récita theatral a favor do Asylo d'Infancia desvallida d'esta Ilha, e que produzio a avultada quantia de novecentos e quarenta mil reis insulanos.

A ventura tem espinhos,
Tarde vem e cedo váe,
Assim é a caridade,
Entra mal e logo sáe !

Em poucas terras brotastes
Tão candida e virginal,
Como ahi vos demonstrastes
Em terras de Portugal:
O Senhor Dom Pedro Quinto
E a prova mais real !

Aos confins do mundo inteiro
Extendeis a vossa luz:
Se na Europa e Asia brilha,
Na America seduz !
Olha como resplandece
Nas terras de Santa Cruz !

È que no Brazil saudoso,
Essa terra nossa irmã,
Aonde o sol é tão formoso
E a vida tão louçã,
Aonde a planta todo o anno
Sustenta o brilho africano
Em todo o seu esplendor;
A caridade partilha,
Da terra de que é filha
Essa vida, brilho e amor !

Quem foi que escutou o écho
D'um brado que aqui se ergueu ?
Quem foi que em remotas plagas
Tão benigno o acolheu ?
Fostes vós, Lima e Oliveira,